



ESSA TREILHA TEM HISTÓRIA

Guabiruba

ANDRE BARBOSA
CLAUDIA TISCOSKI

Apoio



Realização

**Círculo
Catarinense
de Cultura**



MINISTÉRIO DA
CULTURA



ANDRE BARBOSA
CLAUDIA TISCOSKI

**ESSA TRIILHA
TEM HISTÓRIA**
Guabiruba

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbosa, Andre

Essa trilha tem história [livro eletrônico] :
Guabiruba / Andre Barbosa, Claudia Tiscoski. --
1. ed. -- São José, SC : Ed. dos Autores, 2026.
PDF

ISBN 978-65-01-92507-3

1. Guabiruba - Santa Catarina (SC) - História
Trilhas - Guias 2. Trilhas - Santa Catarina (Estado)
3. Turismo I. Tiscoski, Claudia. II. Título.

26-334128.0

CDD-796.51098164

Índices para catálogo sistemático:

1. Caminhada em trilhas : Guabiruba : Santa
Catarina : Cidade : Turismo 796.51098164

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Trilha para a Cachoeira do Jerônimo.



Se as pessoas não tiverem vínculos
profundos com sua memória
ancestral, com as referências que
dão sustentação a uma identidade,
vão ficar loucas neste mundo maluco
que compartilhamos.

Ailton Krenak



Caeté (*Heliconia*), gênero abundante ao longo da trilha.



Índice

Apresentação	8
Introdução	11
A constituição do território	17
Descrição das trilhas	23
Classificação do percurso	27
Trilha das Minas Abandonadas	31
Trilha da Lagoa Azul	39
Cachoeira do Jerônimo	51
Cachoeira Guabiruba Sul	61
Morro São José	75
Cachoeira da Lorena	85
Ao final da trilha	95
Referências consultadas	97



André e Claudia na Cachoeira da Lorena.

Apresentação

Família na Trilha surgiu quando nós, André e Claudia, decidimos transformar as caminhadas com nossos filhos em experiências de descoberta. O que começou como uma forma de estar juntos na natureza se tornou, aos poucos, um modo de olhar para o território com mais atenção, respeito e curiosidade. As trilhas revelaram caminhos, histórias e encontros que mudaram nossa forma de perceber os lugares e as pessoas.

Com o tempo, esse hábito familiar se tornou trabalho. Passamos a desenvolver roteiros interpretativos, trilhas para famílias, experiências de bem-estar na natureza e ações que aproximam cultura, ambiente e educação. O turismo entrou como ferramenta e a cultura como linguagem. Hoje atuamos em duas frentes que se completam: proporcionar vivências seguras e inclusivas na natureza e registrar conhecimentos que correm o risco de permanecer apenas na oralidade.



Foi assim que chegamos a Guabiruba. Suas trilhas nos mostraram que cada rio, morro e capela guardam histórias que merecem ser contadas. Este livro é parte desse processo de escuta, pesquisa e caminhada. Ele registra percursos, memórias e usos do território, e também presta homenagem às pessoas que moldaram essa paisagem com trabalho, fé e desejo de pertencimento.

Seguimos acreditando que caminhar é aprender e que todo lugar tem algo a revelar para quem sabe observar. Que este livro possa inspirar passos, conversas e olhares atentos. O resto, como sempre, a trilha se encarrega de ensinar.



[@familianatrilha.brasil](https://www.instagram.com/familianatrilha.br/)



[+55 \(48\) 4141-0450](tel:+5541410450)



www.familianatrilha.tur.br



Laís cumprimentada pelo Pelznickel, tradição preservada em Guabiruba.

Introdução

Nossa ligação com Guabiruba começou de forma curiosa, a partir da notícia de que ali existia uma tradição muito antiga ligada ao chamado Papai Noel do mato, que mais tarde descobrimos tratar-se do Pelznickel. Esse primeiro contato despertou em nós um desejo simples e profundo de compreender melhor aquela manifestação tão singular.

Amantes da natureza, partimos para Guabiruba movidos pela curiosidade. Ao chegar, nos deparamos com um ser coberto de bromélias, de aparência assustadora à primeira vista, mas carregado de significado. Como não poderia ser diferente, aproveitamos a presença na região para conhecer as trilhas existentes. Foi então que tivemos uma grata surpresa ao descobrir uma diversidade impressionante de caminhos, com diferentes graus de dificuldade, cada um revelando sua própria beleza.

Para nós, no entanto, a trilha nunca é apenas um cenário natural. Sempre buscamos compreender a cultura e a história que atravessam aquele caminho. Em Guabiruba, essa busca nos levou a uma profundidade inesperada. Nossas pesquisas iniciais nos conduziram a sites e livros, em sua maioria voltados à imigração e ao centro urbano. Ainda assim, sentíamos que havia mais a ser contado, especialmente fora do asfalto e das narrativas mais conhecidas.

Foi desse desejo que nasceu este projeto, com o sonho de conectar meio ambiente, cultura e história em um dos lugares mais bonitos do Brasil, a pequena Guabiruba. A aprovação do projeto trouxe uma alegria imensa e, ao mesmo tempo, a certeza de que havia muito trabalho pela frente.

Iniciamos então uma etapa intensa de pesquisa. Visitamos Biblioteca Municipal Prefeito Henrique Dirschnabel, a Secretaria de Indústria, Comércio, Desenvolvimento Econômico e Turismo de Guabiruba, o Museu Casa de Brusque, o Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva e o Museu e Arquivo



Museu e Arquivo Histórico de Guabiruba – Casa Scharf

Histórico de Guabiruba – Casa Scharf. Em todos esses espaços fomos recebidos com generosidade e abertura. O apoio recebido foi fundamental para que o projeto ganhasse corpo e consistência.

Em meio a essas conversas, um nome se repetia sempre que buscávamos compreender a história mais profunda de Guabiruba, o do Padre Eder Claudio Celva. Foi assim que seguimos até a Paróquia Santíssimo Sacramento em Itajaí, onde fomos gentilmente recebidos por ele, um homem de fala calma, discreto e avesso a registros visuais. No início, disse não conhecer muito sobre trilhas, mas bastaram as primeiras perguntas para que um vasto conhecimento começasse a se revelar. Em uma única manhã, tivemos uma aula inesquecível sobre Guabiruba e seus antigos moradores.

Não foi possível registrar em fotos ou gravações tudo o que ouvimos, mas buscamos repassar fielmente essas informações com base na memória e nas anotações feitas. Sem dúvida, este livro não teria a mesma profundidade sem a contribuição do Padre Eder, a quem deixamos aqui nosso sincero agradecimento.

O Padre Eder também nos apresentou dois contatos essenciais: seu pai Amarildo que nos abriu as portas do Memorial Ítalo-guabirubense e o senhor Domingo Pontaldi, um dos trabalhadores das minas que hoje se encontram desativadas. Um homem simpático e jovial, nos contou sobre seu tempo dedicado à mineração e sobre as trilhas da região. Somos gratos pela recepção em seu cantinho charmoso no Lageado Alto e pela generosidade em compartilhar seu conhecimento.

A primeira vez que encontramos o nome Guabiruba, foi no Relatório da Repartição Geral das Terras Públicas de 1859: *"Em observancia das ordens existentes participou o presidente da província, em data de 13 de Janeiro do anno findo, que se achão feitos, no territorio medido, além das derrubadas, 12 ranchos com capacidade para mais de 100 colonos; declarando que alguns delles estão situados à margem do rio Guabiruba, que desde a sua foz até o ponto dos trabalhos fôra por ordem do delegado das terras desatravancado em uma extensão de perto de uma legua"*. Além deste registro, um mapa de 1881 consta a indicação de Rio Gabiroba.



Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva

Muito se discute sobre a origem do nome da cidade, alguns dizem tratar-se da árvore da gabiroba, cujas frutas amarelas são muito apreciadas. Outros dizem tratar-se de uma árvore chamada pau-de-rato (Guabiru = rato, Yba = árvore). Mas uma coisa é consenso, trata-se de um nome de origem indígena. Infelizmente, levantar dados sobre o período anterior à colonização é um desafio enorme.

Com o processo de colonização incentivado pelo Estado imperial brasileiro a partir do século XIX, terras já ocupadas por povos originários foram concedidas a imigrantes europeus como parte de um projeto de expansão agrícola e civilizatória. Esse modelo criou territórios oficialmente “disponíveis”, mesmo quando já eram usados e habitados. Como em diversas partes do país, o resultado foi um processo de disputas, tensões e deslocamentos forçados. Nessas disputas, os povos indígenas foram os mais fragilizados e, silenciosamente, acabaram perecendo, dispersos ou absorvidos pela estrutura social que se consolidava.

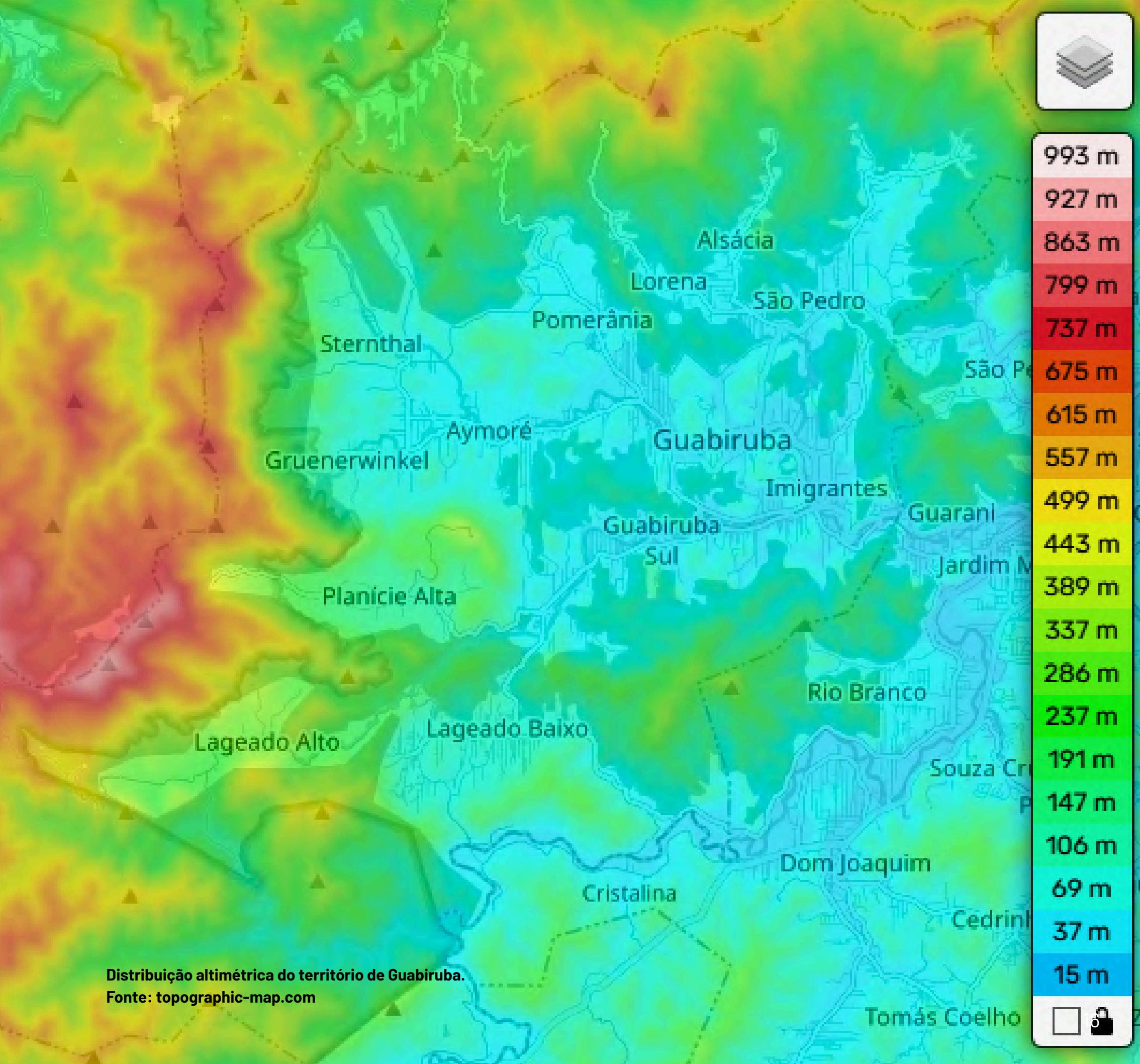
Com o desaparecimento dessas comunidades, perdeu-se também uma parte importante do conhecimento acumulado sobre o ambiente, as plantas e os caminhos percorridos. Por isso, este livro não conseguiu se aprofundar como gostaríamos nesse tema, mas a centelha permanece acesa. É preciso lembrar, valorizar e tentar resgatar, sempre que possível, o conhecimento ancestral dos povos originários do Brasil.

Estruturamos este livro apresentando primeiro as trilhas, com fotografias de edição mínima, preservando o máximo possível das cores naturais. Incluímos informações de acesso, grau de dificuldade e tipo de terreno para orientar o caminhante. Em seguida, convidamos o leitor a conhecer a história que envolve cada caminho.



Pontas de flechas encontradas em Guabiruba.

Acervo Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva



A constituição do território

Guabiruba reúne elementos geológicos e ambientais que explicam a força de suas paisagens e a presença constante de água limpa que desce dos morros. A cidade integra a faixa do relevo conhecida como Planalto e Serras do Leste Catarinense, onde estão as rochas mais antigas do Estado. São estruturas resistentes, modeladas por milhões de anos, que resultaram em um conjunto de colinas, elevações acentuadas e vales encaixados. Esse substrato define a base física sobre a qual a cidade se desenvolveu.

As altitudes variam de apenas oito a novecentos e onze metros. Essa diferença cria um gradiente marcante. A área central se organiza sobre terrenos planos e baixos, enquanto o relevo cresce em direção ao oeste, onde Guabiruba encontra os limites do Parque Nacional da Serra do Itajaí. Essa transição entre vale e montanha molda a disposição dos bairros, a direção dos cursos d'água e estabelece a paisagem que se observa no município.

A presença do parque funciona como um elemento estruturante. Os maciços florestados que marcam a borda oeste protegem encostas íngremes, morros altos e parte significativa dos mananciais que abastecem a cidade. A vegetação pertence ao bioma Mata Atlântica. Essa cobertura vegetal é responsável pela proteção das nascentes e pelo equilíbrio dos fluxos hídricos. A mata controla a infiltração da água no solo, estabiliza encostas, reduz processos erosivos e mantém a qualidade dos cursos d'água que descem para a cidade.

Guabiruba integra a bacia hidrográfica do Rio Itajaí, mais especificamente a sub-bacia do Itajaí-Mirim. Esse rio e seus afluentes estruturam a dinâmica hídrica local. Pequenos córregos escoam desde as áreas mais altas, onde a infiltração é intensa e o solo recebe o aporte constante das chuvas. As rochas da região,

pouco permeáveis, por onde a água escorre lentamente pelas suas fraturas naturais, filtrando-a durante o percurso. Esse processo, aliado principalmente a um aquífero não contaminado, explicam a limpidez típica dos mananciais que abastecem o município. A topografia canaliza essas águas para o centro urbano, desenhandando vales estreitos e profundos.

O parque nacional adiciona outra camada importante ao ambiente local. Estudos realizados no âmbito do Projeto ASAS mostram que a Serra do Itajaí funciona como um reservatório natural. A combinação entre altitude, cobertura florestal, solos porosos e cursos d'água de nascente resulta em ecossistemas que regulam o clima regional e mantêm a estabilidade dos mananciais. Guabiruba recebe esses benefícios de forma direta, já que parte de seu território está conectada aos sistemas hídricos que se formam no interior da unidade de conservação.

A variação de altitude também cria oportunidades para a leitura da paisagem. Morros, cristas e mirantes naturais oferecem amplas vistas sobre o vale. Esses pontos de observação ajudam a compreender como o território foi construído pela geologia e pela água. As trilhas que atravessam essas áreas permitem ver de perto tanto o interior da floresta quanto a relação entre encostas e fundos de vale. É esse conjunto que sustenta o turismo de natureza e aventura no município.

O território de Guabiruba é resultado da combinação entre rochas antigas, relevo vigoroso, grandes áreas de Mata Atlântica e a proximidade direta com uma das unidades de conservação mais importantes de Santa Catarina. A cidade se desenvolveu entre vales profundos, em meio a uma bacia hidrográfica complexa e rica em nascentes. A paisagem que hoje reconhecemos é a expressão direta dessa história longa, onde as montanhas, a floresta e os rios moldaram o espaço antes mesmo da chegada das primeiras comunidades humanas.





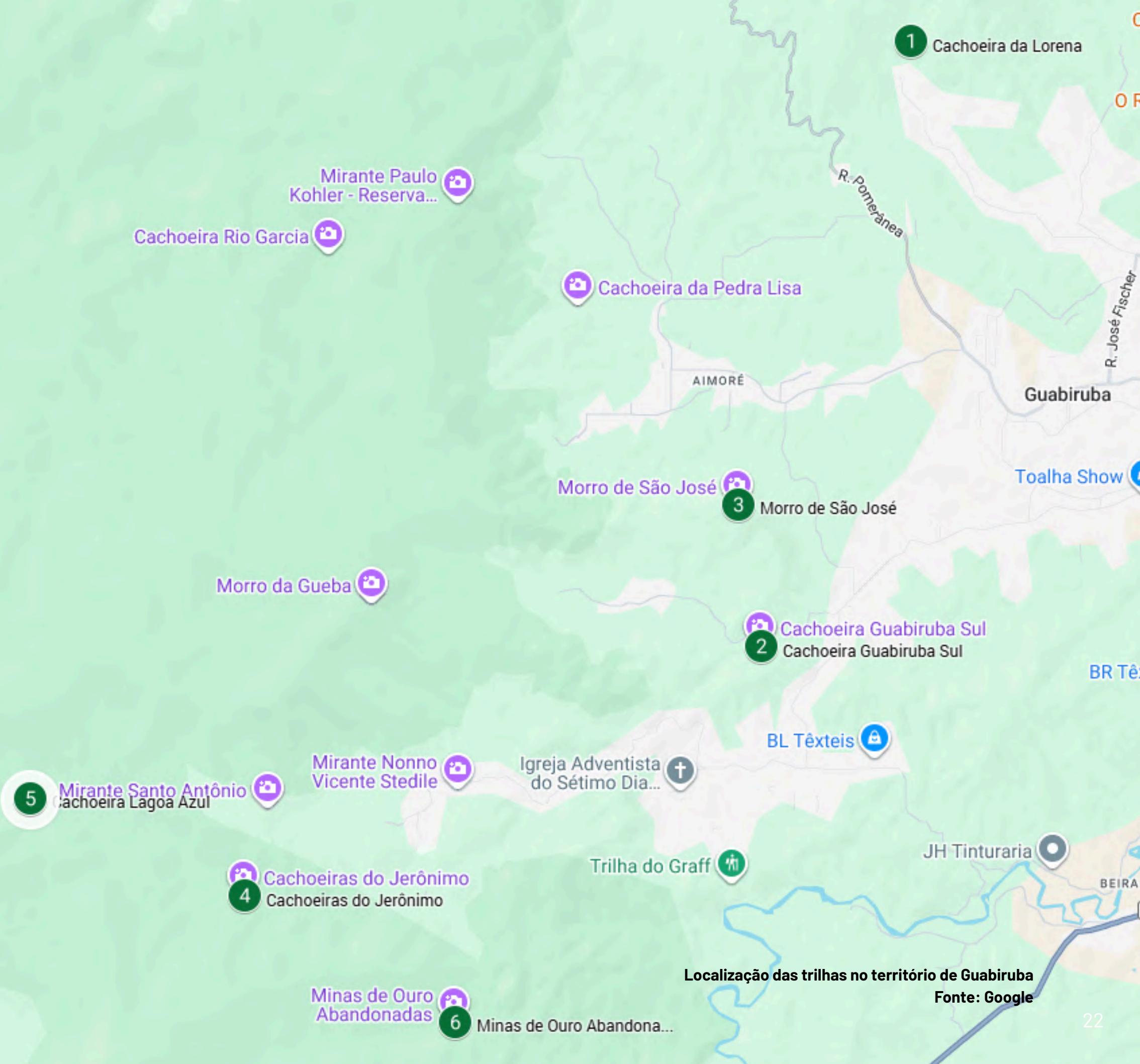
Vista do Vale do Lageado a partir do Mirante Nonno Vicente Stedile



Mata Atlântica no bairro Aymoré



Veleta do Morro São José



Descrição das trilhas

A apresentação de cada trilha segue um padrão que busca orientar o leitor de forma precisa e acessível. A proposta combina informações técnicas essenciais com a dimensão histórica e cultural que caracteriza o projeto 'Essa Trilha Tem História'. A descrição começa pela identificação do local de início do percurso. Esse ponto de partida é importante porque situa o visitante no território e permite compreender a relação entre a trilha, o vale e as montanhas que moldam o município de Guabiruba. A escolha do início também ajuda a visualizar o acesso, as condições do entorno e a forma como a paisagem se transforma ao longo do caminho.

A distância total da trilha é apresentada de maneira direta, pois influencia o tempo estimado de realização e a preparação necessária para o percurso. A altimetria é tratada com o mesmo rigor. A variação de altitude revela o esforço físico envolvido e ajuda a explicar a dinâmica do terreno. Subidas íngremes, descidas longas e trechos de aclive suave são elementos que interferem na experiência e precisam ser claramente indicados ao praticante.

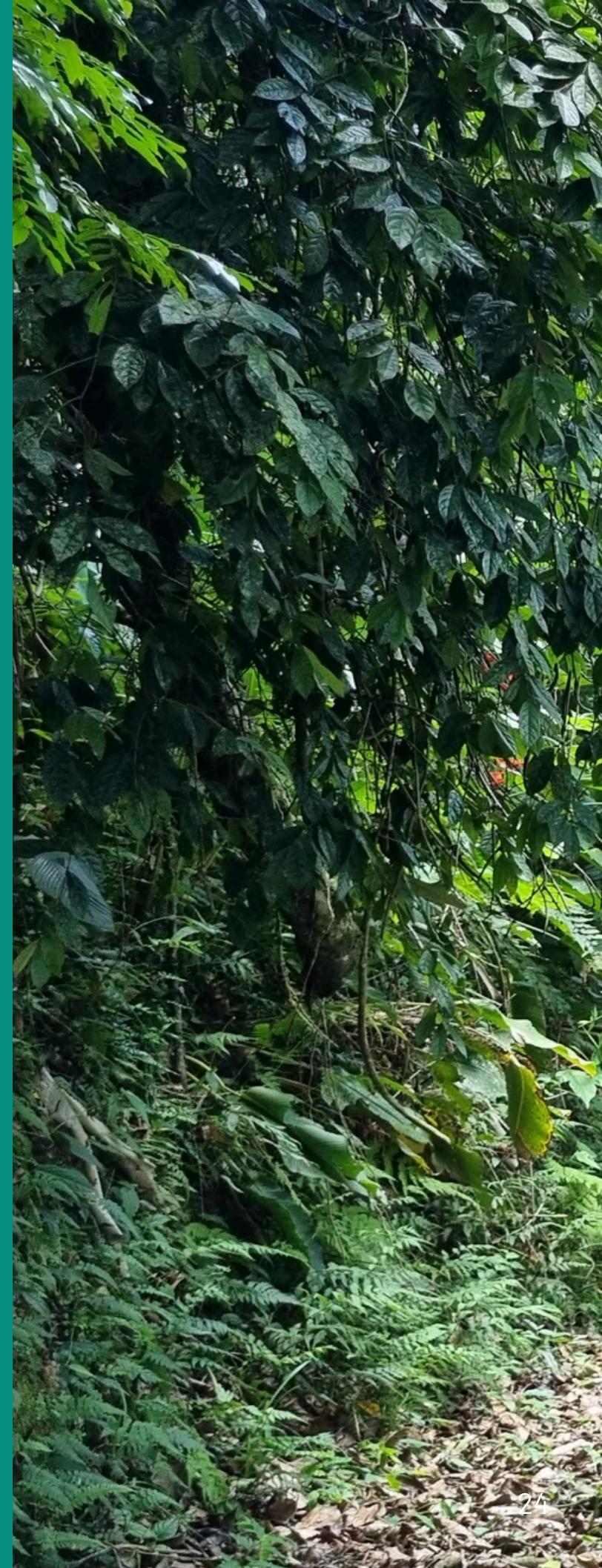
Os pontos de atenção aparecem como parte do conjunto de orientações técnicas. São trechos que exigem maior cuidado por apresentarem características específicas, como piso escorregadio, travessias de cursos d'água, inclinações acentuadas, exposição ao sol ou mudanças bruscas no tipo de terreno. A identificação desses pontos permite que o visitante compreenda melhor o ambiente e se prepare para lidar com as condições naturais de forma segura.

A classificação do percurso é outro elemento essencial. Ela segue critérios estabelecidos pela norma ISO 3021, referência internacional para a avaliação de trilhas. Essa classificação considera fatores como esforço físico exigido, complexidade do terreno, tempo médio de realização e condições ambientais.

A norma oferece um sistema padronizado que facilita a comparação entre diferentes trilhas e reforça a transparência das informações prestadas ao visitante. Essa abordagem também contribui para a prática de um turismo mais responsável, pois ajuda a alinhar a expectativa do público com as características reais de cada percurso. Detalhamos mais adiante.

Após a apresentação dos dados técnicos, o projeto introduz a dimensão histórica e cultural de cada trilha. Esse momento amplia a compreensão do território. A história é inserida como parte da experiência e reforça a singularidade do percurso. São abordadas narrativas sobre antigos caminhos, transformações geradas pelos ciclos econômicos regionais, memórias associadas às paisagens e episódios que marcaram o desenvolvimento local. Esse conteúdo aparece como um segundo bloco da descrição e complementa a leitura do ambiente, revelando que cada trilha não é apenas um deslocamento físico, mas também um caminho que atravessa o tempo.

A combinação entre informações técnicas e narrativas históricas permite que o leitor tenha uma visão completa da trilha. Ele comprehende o terreno, conhece os cuidados necessários e entende o valor cultural daquele caminho. O projeto 'Essa Trilha Tem História' foi pensado para unir segurança, educação ambiental e valorização da memória local.





Trilha do Morro São José



Trilha da Cachoeira do Jerônimo

Classificação do percurso

A classificação apresentada neste livro segue o definido na ISO 3021:2024. Trata-se de uma norma internacional que organiza, de forma didática, os critérios de avaliação para determinar a dificuldade de um trajeto. É um sistema mais completo do que simplesmente classificar uma trilha como fácil, moderada ou difícil.

São quatro os critérios avaliados: severidade do ambiente, orientação/navegação, condições do terreno e esforço físico, detalhados a seguir.

Severidade do Ambiente



Refere-se às características gerais do ambiente por onde a trilha passa. Engloba itens como presença de água potável, sinal de celular, temperatura, exposição ao sol, vento, pedras soltas, solo molhado, entre outros. Ao todo, são vinte aspectos a serem analisados. Quanto mais fatores estiverem presentes, maior será a severidade desse critério.

Orientação/navegação do percurso



Avalia a probabilidade de desorientação durante a trilha. Caminhos com muitas bifurcações, ausência de referência visual ou baixa visibilidade recebem classificação mais elevada. Já trilhas retas ou bem sinalizadas tendem a receber nota menor nesse item.



Indicação de direção encontrada na trilha da Lagoa Azul

Condições do terreno



Diz respeito à técnica necessária para transpor o percurso. Um caminho amplo em estrada de terra batida pode ser classificado como grau 1, enquanto trechos com raízes expostas, pedras soltas ou pequenas escaladas recebem grau 3. Os graus mais altos (como 5) se referem a trechos com características de escalada ou progressão vertical.

Esforço físico



É calculado com base em uma fórmula que considera distância, subidas e descidas, além do tipo de solo. É importante observar que esse critério considera indivíduos da população geral e não atletas de alto rendimento. Assim, a percepção de esforço pode variar conforme hábitos de atividade física, condições corporais, doenças pré-existentes e até fatores psicológicos.

Ao final, cada trilha recebe uma classificação de **1 a 5 em cada critério**. Com esses dados, o excursionista consegue avaliar se a atividade está dentro de sua capacidade e expectativas. Pessoas normalmente se preocupam apenas com o esforço físico, mas, ao analisar os demais critérios, é possível tomar decisões mais seguras: a severidade do ambiente pode indicar a necessidade de levar mais água ou roupas adequadas; as condições do terreno revelam obstáculos técnicos; já a navegação ajuda a manter o grupo coeso e evita que alguém se perca.



Contemplando interior da mina.

Trilha das Minas Abandonadas

Acesso e Ponto de Partida

Final da Rua da Mineração, bairro Lageado Alto, sul de Guabiruba. Não há estacionamento estruturado, mas é possível parar alguns veículos próximos ao início da trilha. Cuidado para não bloquear a via nem o acesso às propriedades.

Características do Percurso

Boa parte do trajeto é feita por uma estrada larga, com marcas de uso por motos e veículos 4x4 dadas as características do terreno.

Atenção na localização

Após cerca de 2 km de caminhada, sai-se da estrada principal para uma trilha propriamente dita, à direita. Fique atento para não errar a entrada.

Atenção à segurança

Logo após a bifurcação há uma travessia de rio raso. Consulte a previsão do tempo para evitar aumento repentino do volume d'água. As minas abandonadas não possuem estrutura de visitação, exigindo cuidado redobrado. Lanternas são indispensáveis para acessar seu interior.

A trilha percorre áreas inseridas no Parque Nacional da Serra do Itajaí e seu entorno, uma importante unidade de conservação da região. Visite com respeito e consciência ambiental.

Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

1



Orientação de navegação do percurso

2



Condições do terreno

2



Esforço físico

3

Severidade Baixa

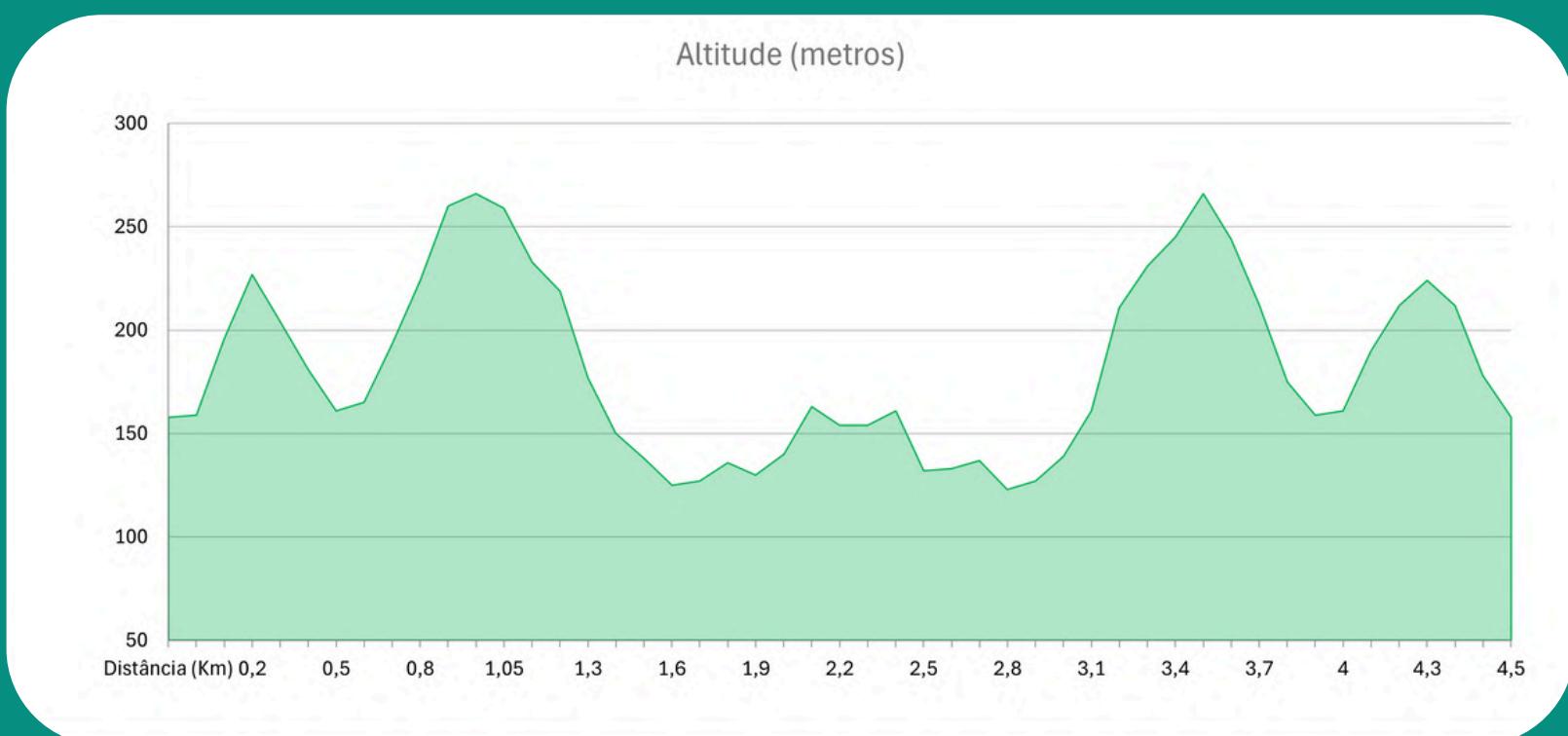
Caminho ou sinalização indicando continuidade

Percurso por caminhos sem obstáculos

Esforço significativo

Distância total	4,6 km
Tempo médio total do percurso	3:00 horas

Desníveis	Subidas	412 m
	Descidas	412 m







Entrada da mina abandonada.

No Lageado Alto encontra-se a trilha das Minas Abandonadas, um percurso cercado por histórias e pela natureza exuberante da Mata Atlântica. A trilha é antiga e remonta aos primeiros anos da colonização. À época, existia na região uma madeireira que utilizava o rio como via de transporte para escoar madeira beneficiada até Brusque, então sede municipal. A madeira foi um dos pilares econômicos da jovem Guabiruba, com diversas serrarias instaladas ao longo de décadas.

A mineração nessa área começou timidamente na década de 1930, quando aventureiros apareceram em busca de ouro. No entanto, o ciclo minerário de maior impacto ocorreu somente na década de 1980, com a chegada da Europaula, empresa sediada no Rio de Janeiro. Estudos geológicos indicavam a presença de veios auríferos na região e a exploração parecia promissora. A empresa trouxe máquinas, abriu escritórios e contratou trabalhadores locais para a empreitada.

Entre eles estava Domingo Pontaldi, filho de agricultores do Lageado Alto. Domingo guarda consigo a carteira de trabalho e uma fotografia da época, símbolos de um período de intensa atividade. Sua primeira missão foi ajudar a transformar a antiga picada utilizada pela serraria em uma estrada que permitisse a circulação de caminhões e equipamentos. Esse trajeto ainda hoje é acessado por veículos 4x4 e compõe parte da trilha atual. Domingo também atuou na abertura das galerias e na estruturação interna das minas, um trabalho árduo feito a picareta e enxada.

O minério retirado não era processado em Guabiruba. As rochas eram carregadas em caminhões e levadas até Canelinha, onde passavam pelo beneficiamento na busca pelo ouro. O veio aurífero explorado nas Minas Abandonadas é o mesmo que ocorre no Morro do Carneiro Branco. O sonho da riqueza, porém, durou pouco. A baixa produtividade, associada ao início das preocupações com a contaminação por mercúrio nos processos de separação do ouro em Canelinha, levou ao encerramento das atividades.

Após o abandono, as minas ficaram silenciosas e a Mata Atlântica retomou seu fluxo natural de regeneração. As galerias passaram a abrigar novos habitantes: morcegos, andorinhas e opilões encontraram ali abrigo seguro, transformando o que antes era espaço de trabalho em micro-habitat.

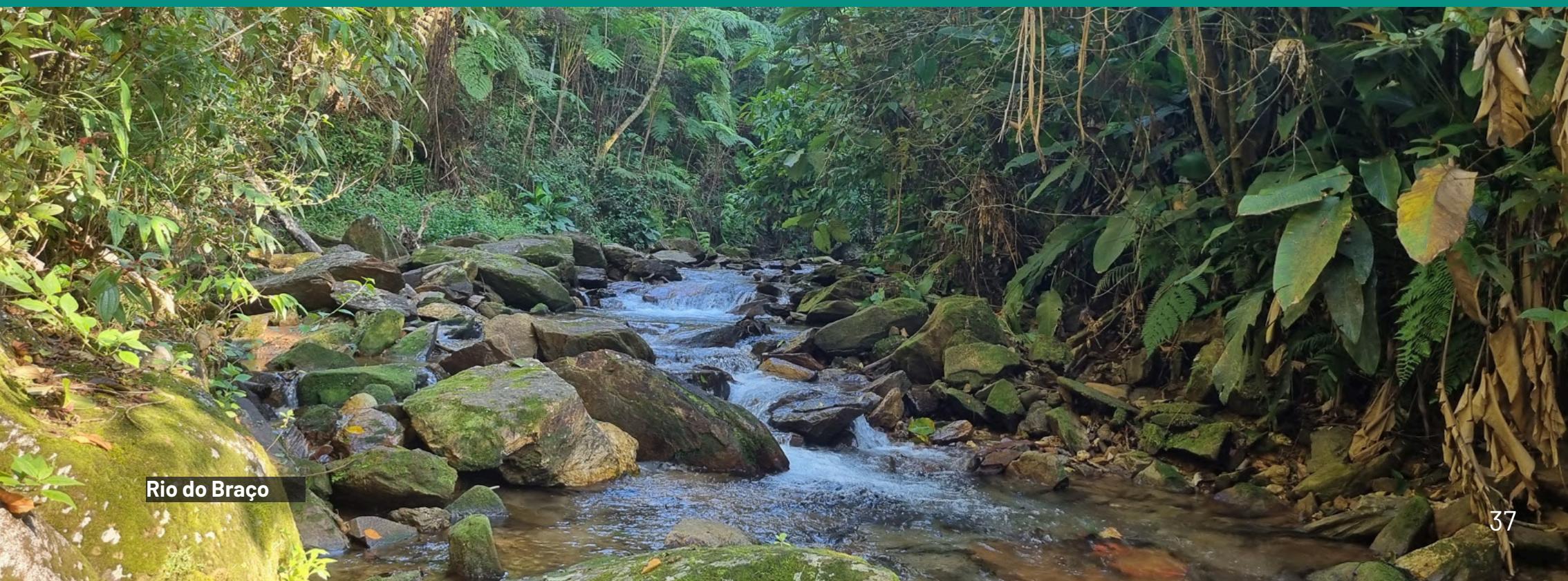


Entrada da mina abandonada.

A trilha se insere no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí, unidade de conservação federal criada em 2004, que abriga um dos maiores contínuos de Mata Atlântica preservada de Santa Catarina. A existência do parque ajudou a valorizar a região sob o ponto de vista ambiental, científico e turístico, reforçando a importância da conservação da biodiversidade e da paisagem.

Com o crescimento do ecoturismo, especialmente após a pandemia de 2020, a demanda por atividades ao ar livre aumentou. Esse movimento trouxe novos olhos sobre as Minas Abandonadas, que passaram a ser utilizadas como ferramenta de educação ambiental e conexão com a história local. Escolas e grupos de trilhas começaram a visitar o local, unindo geologia, botânica, ecologia e memória comunitária em uma mesma experiência.

Para Guabiruba e para o Lageado Alto, as minas representam mais do que um capítulo econômico. Elas fazem parte da memória coletiva e ajudam a contar a história do trabalho, da paisagem e da relação da comunidade com o território. O ouro não transformou a região da forma como imaginaram, mas a trilha hoje transforma olhares, ensina sobre limites e recupera a compreensão de que a natureza sempre volta a falar quando lhe é dado tempo e espaço.





A Lagoa Azul, no Rio das Águas Cristalinas, com tonalidade que muda conforme a luz.

Trilha da Lagoa Azul

Acesso e Ponto de Partida

Final da Rua Lageado Alto, bairro de mesmo nome, sul de Guabiruba. Não há estacionamento estruturado, mas há vagas próximas ao início da trilha. Evite bloquear a via ou as entradas das propriedades.

Características do Percurso

O trajeto se divide claramente em duas partes: a primeira por estrada larga com pequenas passagens por riachos, a segunda pelo leito pedregoso do Rio das Águas Cristalinas.

Atenção na localização

A partir do km 1,6 a caminhada passa a seguir o leito do rio, o que pode gerar dúvida na orientação. Utilize o traçado em aplicativos como o Wikiloc e observe a sinalização dos Caminhos da Mata Atlântica ao longo do percurso.

Atenção à segurança

O rio é raso em sua maior parte, mas alguns pontos apresentam maior profundidade. Consulte a previsão do tempo e evite dias com chance de chuva. O trecho mais delicado é a passagem lateral inclinada por uma fenda rochosa. Há uma corda instalada para apoio, mas não confie cegamente no equipamento.

Esta é mais uma trilha que percorre áreas do Parque Nacional da Serra do Itajaí. Visite com consciência e respeito.



Lagoa Azul.



Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

2

Severidade Moderada



Orientação de navegação do percurso

2

Caminho ou sinalização indicando continuidade



Condições do terreno

3

Percursos em trilhas escalonadas ou terrenos irregulares



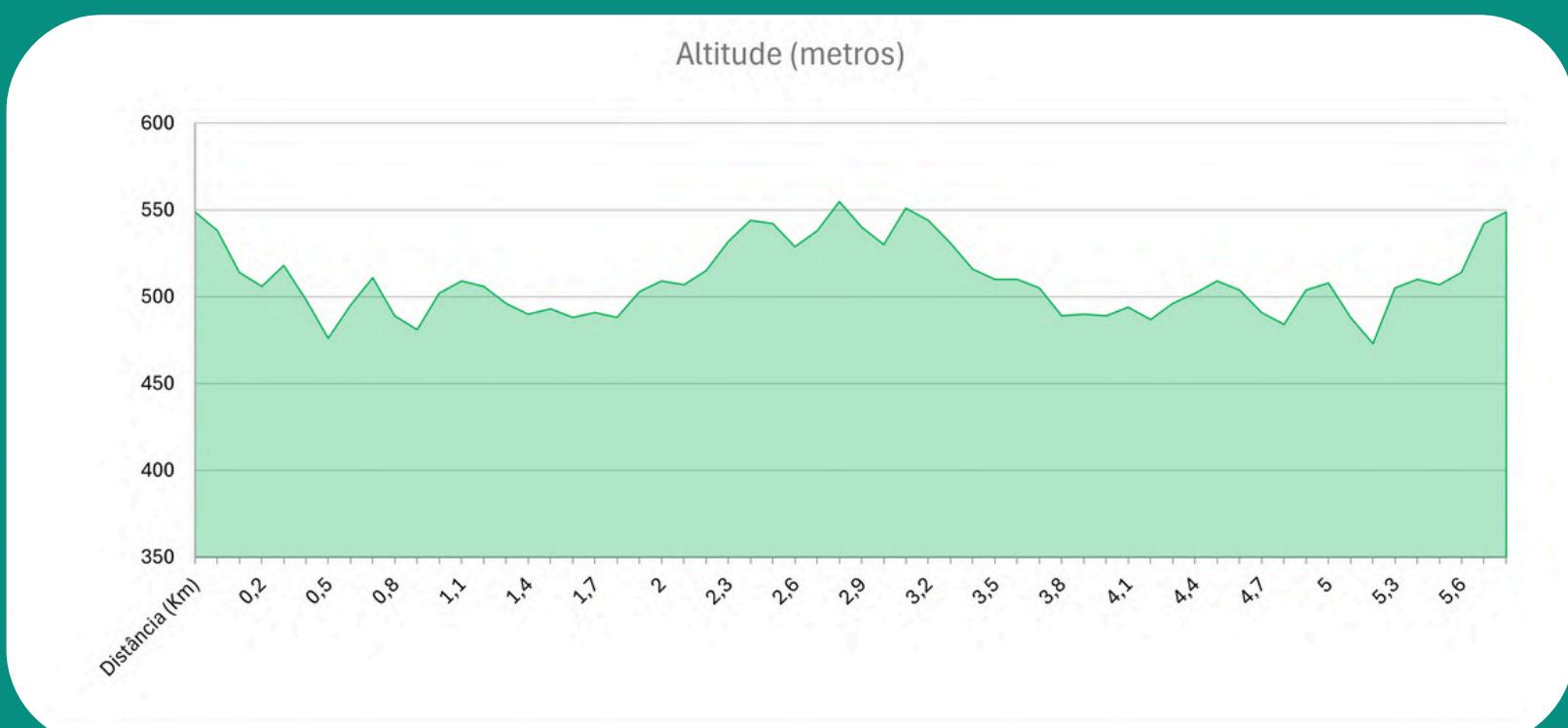
Esforço físico

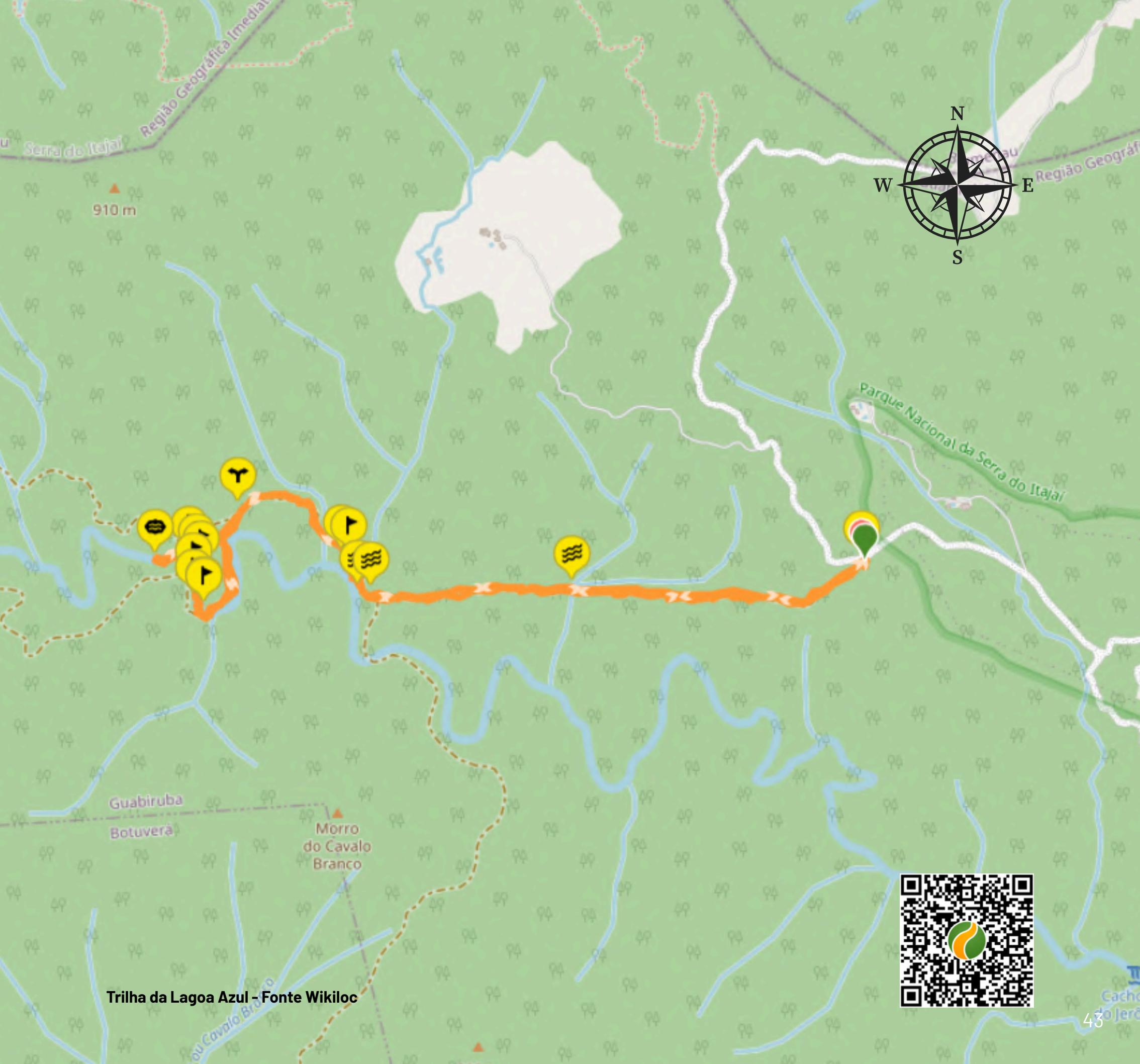
3

Esforço significativo

Distância total	5,8 km
Tempo médio total do percurso	4:00 horas

Desníveis	Subidas	310 m
	Descidas	310 m







Rio das Águas Cristalinas

A Trilha da Lagoa Azul, situada nas montanhas do Lageado Alto, acompanha parte da encosta do Morro do Carneiro Branco. Antes de servir ao ecoturismo, esse caminho atendia a interesses práticos de acesso às frentes de lavra que funcionaram na região. Por isso, o percurso antecede a recreação e nasce da relação entre geologia, economia local e observação da paisagem.

Estudos geológicos produzidos no Vale do Itajaí, inclusive no contexto exploratório das décadas de 1970 e 1980, registram ocorrências auríferas associadas a filões de quartzo na área do Morro do Carneiro Branco. A mineralização despertou atenção técnica e estimulou atividades de prospecção e lavra em pequena escala. A memória local preserva relatos dessas operações e do abandono das minas, hoje reconhecidas apenas pelos vestígios que resistiram no terreno. Essa camada mineral compõe a primeira chave de leitura da trilha.

O nome Carneiro Branco também dialoga com essa paisagem. Entre as hipóteses que circulam, uma atribui o topônimo às manchas claras formadas pelos veios de quartzo que contrastam com as rochas mais escuras do entorno. Outra explica que o nome teria surgido pela aparência esbranquiçada de líquens e musgos no cume. O senhor Domingo Pontaldi, que trabalhou nas minas locais, afirma que esses líquens lembrariam o pelejo do dorso de carneiros, justificando a denominação adotada pelos moradores. As duas versões convivem e revelam como o cotidiano rural, a leitura do território e o olhar técnico podem se encontrar.

A criação do Parque Nacional da Serra do Itajaí, em 2004, reorganizou a relação da sociedade com essa porção da Mata Atlântica. Seus objetivos centrais são preservar remanescentes expressivos de floresta ombrófila densa, compor um corredor contínuo de vegetação nativa no Vale do Itajaí, proteger nascentes e cursos d'água, garantir condições para pesquisa científica e conter a expansão da urbanização sobre áreas sensíveis. A delimitação do parque reforçou a relevância ecológica dessas montanhas, que abrigam alta diversidade biológica, microclimas associados à umidade e espécies vegetais típicas de ambientes preservados. O Parna tornou-se, assim, uma referência regional de conservação da Mata Atlântica e um elemento estruturante na proteção das serras e vales da bacia do Itajaí-Açu.



Travessia de fenda, trecho mais difícil do percurso.

Com o crescimento do ecoturismo na região, a Lagoa Azul passou a receber visitantes de fora do Lageado Alto. Essa procura antecedeu qualquer estruturação oficial e acabou criando um cenário interessante, onde o uso comunitário, a curiosidade dos trilheiros e a gestão ambiental passaram a se encontrar no mesmo território. Em posição recente, o Parque Nacional da Serra do Itajaí observou que a trilha está situada em área ainda não regularizada dentro de seus limites e que, por isso, não integra roteiros oficiais de visitação. A nota não se coloca como advertência, mas como registro de um processo que ainda está em curso. A conservação e o uso público nem sempre avançam no mesmo ritmo.

O percurso inicia em área rural do Lageado Alto e segue em direção ao Rio das Águas Cristalinas. Depois de um trecho inicial mais direto, a água passa a conduzir o deslocamento. Cruzar o rio faz parte da experiência. Em certos trechos, o leito se transforma no próprio caminho, obrigando o caminhante a manter atenção e leitura de terreno. O contato com a água limpa, o som da correnteza e a sombra da floresta conformam um ambiente úmido e fresco, típico das encostas da Serra do Itajaí.

Vegetação densa acompanha o caminhante em todo o trajeto. Bromélias, orquídeas, epífitas, samambaias, palmeiras e árvores de porte variado revelam um fragmento de Mata Atlântica que mantém características próximas às originais. Esses elementos não são decorativos, formam a base ecológica que permite a existência do microclima e dos cursos d'água que definem a paisagem da Lagoa Azul.



Cristal de quartzo.

O poço que dá nome à trilha, cuja coloração azulada é resultado da combinação entre profundidade, pureza da água, tipo de fundo e incidência solar. Em certos horários, especialmente com luz alta, o azul se intensifica e justifica a fama do lugar. Para os moradores do Lageado Alto, a Lagoa Azul nunca foi um segredo, mas permaneceu restrita à comunidade durante décadas. Com o crescimento do ecoturismo e o interesse crescente por trilhas do Vale do Itajaí, passou a receber visitantes de fora.

A história dessa trilha é curta em datas, mas longa em camadas. Há o passado mineral do Carneiro Branco e suas minas. Há a leitura popular dos líquens que imitam o pelego de animais. Há a floresta ombrófila densa que resiste há séculos. Há o rio que molda o caminho e mantém a vida. E há o parque, que conecta esses elementos e formaliza a importância ambiental da Serra do Itajaí.

No fim, caminhar até a Lagoa Azul é um exercício de leitura do território. A água conduz, a floresta protegida, o quartzo que revela e o passado mineral e recorda que este lugar já foi observado com outras finalidades. O visitante de hoje pode não enxergar ouro, mas encontra história, geografia e ecologia integradas. E, para quem percorre com respeito, o território se deixa contar.



Mariposa no Rio de Águas Cristalinas.



Caminho pelo leito do Rio das Águas Cristalinas.



Estrutura da antiga serraria, como relatado por Domingo Pontaldi.

Cachoeira do Jerônimo

Acesso e Ponto de Partida

Rua Lageado Alto, bairro de mesmo nome, sul de Guabiruba. O acesso está na subida ao Morro Santo Antônio, em terras do Eremitério Arquidiocesano. Não há estacionamento estruturado, mas é possível estacionar alguns veículos próximo ao início da trilha. Evite bloquear a via e as entradas de propriedades. Há um portão impedindo o acesso de veículos, com abertura lateral para pedestres.

Características do Percurso

A caminhada inicia por estrada larga, tornando-se trilha no trecho final.

Atenção na localização

No km 1,7 há um ponto onde a orientação pode gerar dúvida. Antes de alcançar o Rio das Águas Cristalinas existe uma bifurcação. À esquerda segue-se para a cachoeira e, à direita, para as ruínas da antiga serraria. Tomando a esquerda, cruza-se o Rio das Águas Cristalinas e logo a trilha acompanha o leito do Rio da Figueira. Em poucos metros chega-se à cachoeira.

Atenção à segurança

A travessia do Rio das Águas Cristalinas ocorre em trecho raso, mas chuvas podem elevar o volume rapidamente. Consulte a previsão e visite com responsabilidade.

Respeite a natureza! Visite com consciênciа.

Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

1



Orientação de navegação do percurso

2



Condições do terreno

3



Esforço físico

2

Severidade Baixa

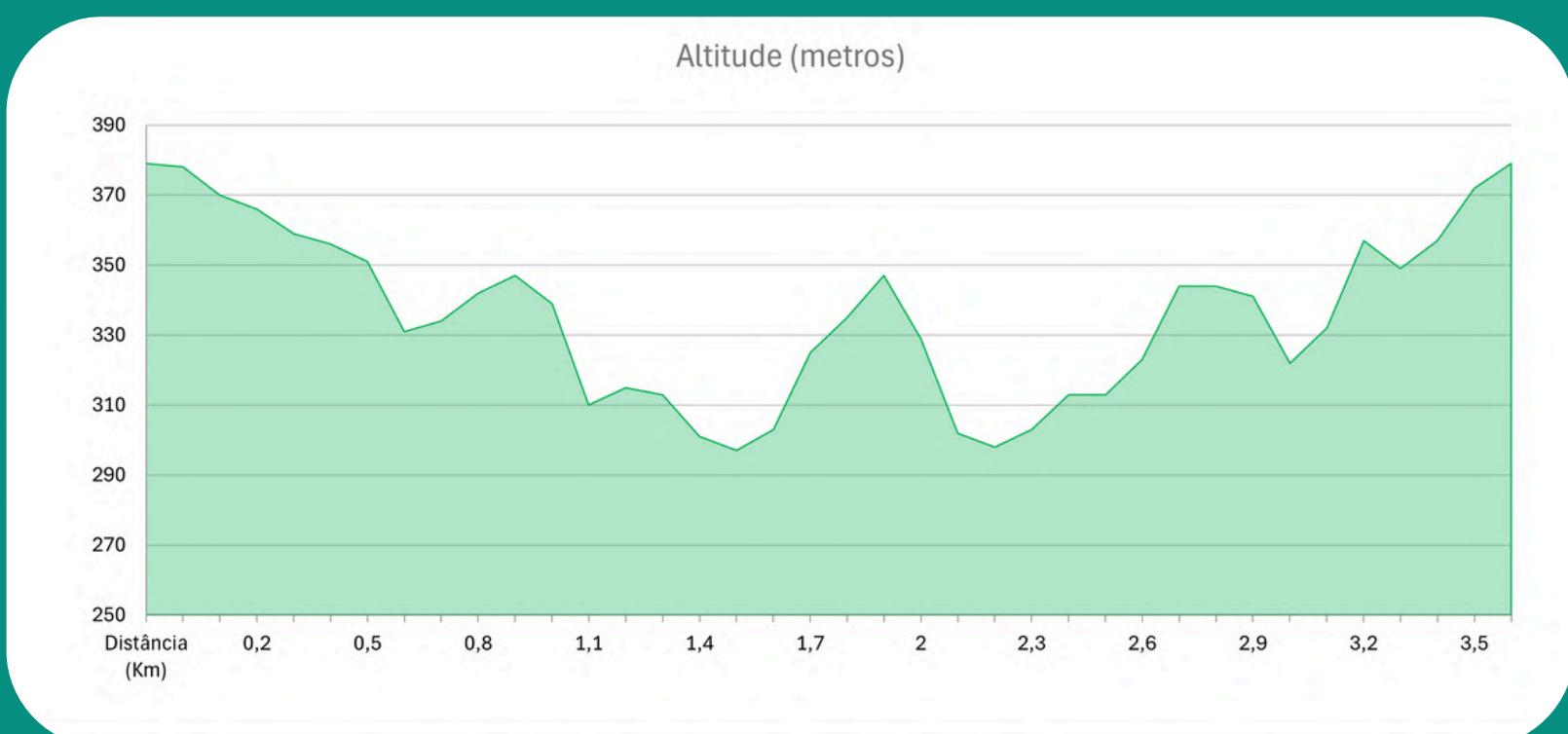
Caminho ou sinalização indicando continuidade

Percursos em trilhas escalonadas ou terrenos irregulares

Esforço moderado

Distância total	3,8 km
Tempo médio total do percurso	2:30 horas

Desníveis	Subidas	214 m
	Descidas	214 m





Trilha da Cachoeira do Jerônimo - Fonte Wikiloc





Leito do Rio das Águas Cristalinas



A Cachoeira do Jerônimo, localizada no Lageado Alto, no Rio da Figueira, é um desses espaços onde natureza e memória caminham juntas. Ao chegar ao local, além da queda d'água, o visitante percebe a presença de uma antiga estrutura metálica posicionada aos pés da cachoeira. Trata-se de um vestígio visível de um tempo em que aquele ponto era utilizado para atividades ligadas ao trabalho e ao aproveitamento da força da água. Não se sabe ao certo a função exata dessa estrutura, mas ela indica claramente que o local teve uso produtivo no passado. Havia, um pouco acima uma serraria que funcionou por quase 90 anos.

O nome da cachoeira está ligado a Jerônimo Celva, falecido em 2013. A família Celva mantém a propriedade até hoje e preserva o acesso ao local. Em entrevista, tanto o Padre Eder Celva como o Senhor Domingo Pontaldi relataram que naquele ponto funcionava uma serraria, aproveitando a proximidade do rio e a queda d'água para o processamento da madeira retirada daquele imenso vale. As árvores, principalmente a canela, eram cortadas à machado e levadas até a serraria por gravidade ou arrastadas por bois em um trabalho árduo.

O Rio da Figueira recebeu esse nome por causa de uma figueira de grandes proporções existente em sua nascente. Segundo relatos, trata-se de uma árvore imponente, que sempre foi referência visual para quem circulava pela região e acabou dando nome ao rio e ao entorno. A figueira ainda permanece no local, como testemunha silenciosa das transformações da paisagem, do tempo da serraria e da exploração da madeira até o atual processo de regeneração da mata, preservada na memória dos moradores e na própria configuração do território.

O acesso à Cachoeira do Jerônimo ocorre passando pelo Rio das Águas Cristalinas, outro curso d'água fundamental para a história do Lageado Alto e ponto comum entre as trilhas visitadas na região.

Além da exploração da madeira, a região do Lageado Alto era utilizada pelos primeiros imigrantes como área de caça e subsistência. A mata fornecia alimento essencial para as famílias, com registros do uso de animais como macacos, antas e outras espécies, além do palmito, amplamente consumido. A floresta era parte direta da sobrevivência cotidiana.

A trilha até a cachoeira passa por terreno irregular, o que contribuiu para que o local permanecesse relativamente preservado por muito tempo. Durante o percurso, a mata nativa se impõe e reforça a sensação de isolamento e de contato direto com o ambiente natural. A queda d'água, com aproximadamente 15 metros de altura, de águas claras cria um ambiente propício ao descanso e à contemplação.

Hoje, a Cachoeira do Jerônimo também é procurada por praticantes de rapel, que utilizam a queda para a atividade, sempre com os cuidados necessários. A prática esportiva convive com a paisagem e com os vestígios do passado, sem descharacterizar o local.

A preservação da cachoeira envolve tanto o cuidado ambiental quanto o respeito à memória do lugar. A família Celva tem papel fundamental nesse processo ao permitir a visitação e manter o espaço protegido, garantindo que a história não se perca.

Pra quem acredita que fazer uma trilha não é apenas um lazer, mas um espaço de leitura da paisagem, visitar a Cachoeira do Jerônimo é caminhar por um território que ajuda a entender como os rios estruturavam a vida, como a natureza foi fonte de subsistência e como a floresta sustentava as primeiras famílias.



Ao longo da trilha, a Mata Atlântica revela sua diversidade biológica por meio de espécies vegetais que marcaram a história de uso do território. O palmito, outrora importante recurso de subsistência, divide o espaço com samambaias, xaxins e caetés. A fauna acompanha essa exuberância e inclui aves como tangarás e saíras. Durante uma de nossas visitas, encontramos uma jararaca (*Bothrops jararaca*), espécie indicadora de ambientes preservados e comum nas formações florestais densas. A presença desse animal reforça que o vale ainda abriga um ecossistema funcional, no qual a vida silvestre evolui em equilíbrio com a paisagem.

Esta trilha tem história. Uma história escrita pelas águas dos Rios da Figueira e das Águas Cristalinas que moveram serraria e que hoje movem memórias preservadas por quem conhece e respeita esse lugar.



Jararaca mimetizada entre a vegetação.



Cachoeira do Jerônimo, Rio da Figueira.



Cachoeira Guabiruba Sul.

Cachoeira Guabiruba Sul

Acesso e Ponto de Partida

Parque Municipal Vereador Érico Vicentini, acessado pelo trevo que liga os bairros Planície Alta, Guabiruba Sul e Lageado Baixo. Há ampla área de estacionamento no início da trilha.

Características do Percurso

Caminhada curta, leve e com poucas variações de inclinação.

Atenção na localização

Com cerca de 200 metros chega-se aos muros da antiga represa. A cachoeira fica aproximadamente 300 metros à frente.

Atenção à segurança

A cachoeira alterna trechos rasos com áreas mais profundas. Tenha atenção ao entrar na água. Chuvas podem elevar o nível rapidamente.



Fungos coloridos embelezam o caminho.

Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

1

Severidade Baixa



Orientação de navegação do percurso

1

Caminhos e cruzamentos bem definidos ou sinalizados



Condições do terreno

2

Percorso por caminhos sem obstáculos



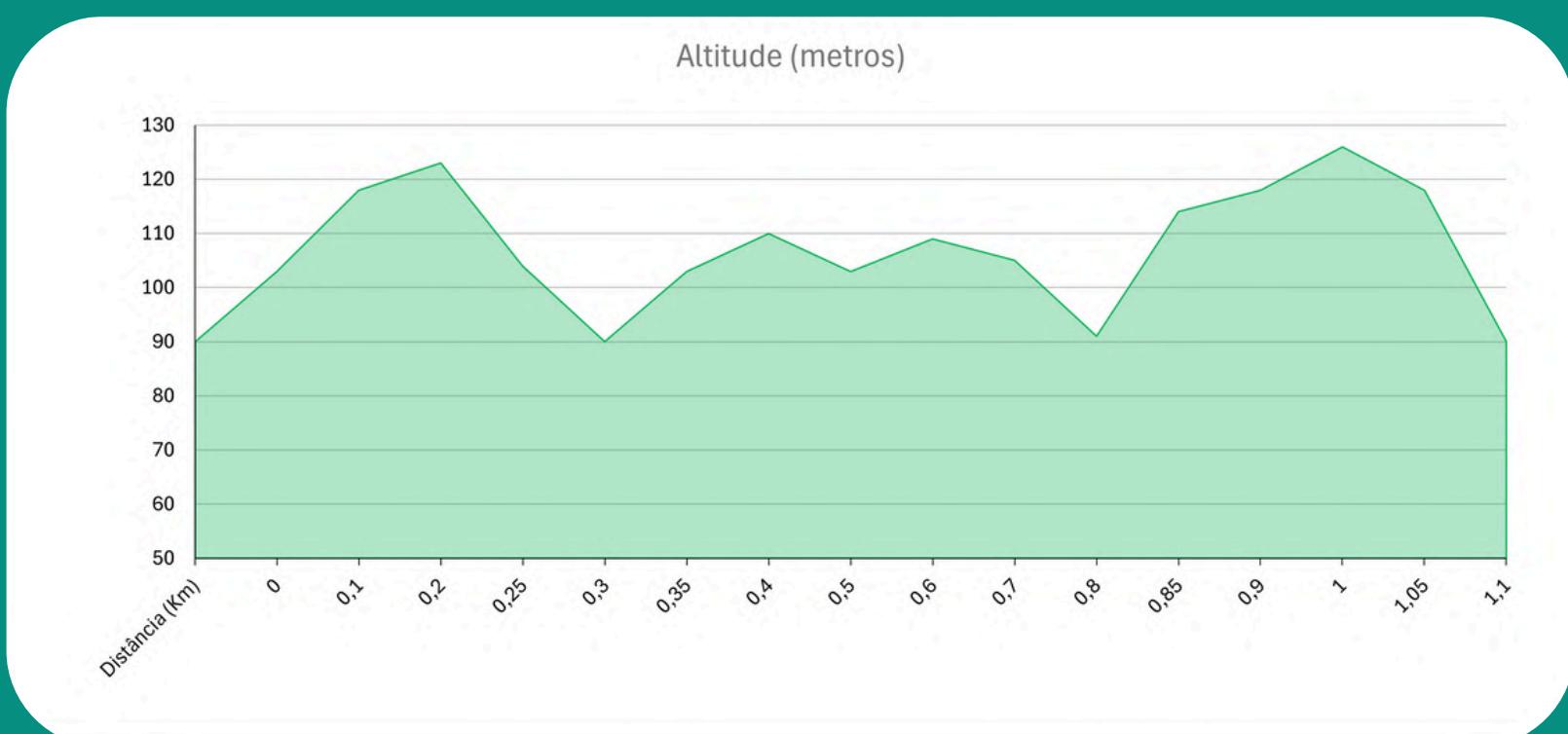
Esforço físico

1

Pouco Esforço

Distância total	1,1 km
Tempo médio total do percurso	30 min

Desníveis	Subidas	41 m
	Descidas	41 m





Trilha da Cachoeira Guabiruba Sul - Fonte Wikiloc





Imagen aérea da Cachoeira Guabiruba Sul.

O Parque Municipal Vereador Érico Vicentini abriga a Cachoeira do Guabiruba Sul e concentra um dos conjuntos históricos, naturais e culturais mais relevantes da região.

Localizado no encontro dos bairros Planície Alta, Guabiruba Sul e Lageado Baixo, o parque possui cerca de 884 mil metros quadrados e vem sendo estruturado como um grande espaço público de lazer, memória e turismo. Muito antes de qualquer projeto urbanístico, porém, o local já era reconhecido pela força de suas águas e pelo potencial energético das cachoeiras que cortam o vale.

A Cachoeira do Guabiruba Sul integra um conjunto conhecido como Trilha João Bauer, que reúne entre sete e dez quedas d'água ao longo do percurso, algumas com até 25 metros de altura. São cachoeiras com características diferentes, formando poços, cascatas e trechos encaixados, compondo uma paisagem marcada pela água em movimento e pela mata preservada.

O nome da trilha não é casual. Ela homenageia João Bauer, um dos personagens mais importantes da história do desenvolvimento do Vale do Itajaí. Nascido na Alemanha em 1849, João Bauer imigrou para o Brasil aos 11 anos de idade. Chegou jovem, mas com uma visão empreendedora rara para a época, que ao longo das décadas se traduziria em iniciativas pioneiras em diferentes áreas.

João Bauer não atuou em apenas um setor. Ele foi comerciante, proprietário de armazém e loja de fazendas e armários, atendendo a crescente população da região. Instalou engenhos de serrar madeira, de arroz e de farinha, criou uma fábrica de gelo quando esse tipo de produção ainda era novidade no Brasil e implantou a primeira fábrica de tecidos de seda natural da região, equipada com teares de ferro. Também foi responsável pela primeira rede particular de abastecimento de água em Itajaí, demonstrando uma preocupação constante com infraestrutura e inovação.

Sua obra mais marcante, no entanto, foi a construção da primeira usina hidrelétrica da região, instalada exatamente nas quedas d'água do Guabiruba Sul. Em um período em que a energia elétrica ainda engatinhava no Brasil, João Bauer teve a ousadia de aproveitar a força das cachoeiras para gerar eletricidade e abastecer a cidade de Brusque.



Represa do Rio Guabiruba Sul





Antiga estrutura da usina hidrelétrica.

A inauguração da usina ocorreu em 13 de novembro de 1913, data escolhida propositalmente por coincidir com o aniversário de 64 anos de João Bauer. A casa de máquinas possuía cerca de 40 metros quadrados, mas abrigava um sistema moderno para a época, com turbinas e geradores de aproximadamente 135 quilovolt-amperes cada. Apesar do tamanho modesto da edificação, a potência instalada era suficiente para transformar a realidade econômica da região.

A energia gerada ali permitiu o funcionamento das fábricas no período noturno, impulsionou a industrialização de Brusque e contribuiu diretamente para a geração de empregos e para o crescimento urbano. É importante lembrar que a primeira usina hidrelétrica do Brasil havia sido construída apenas em 1889, em Minas Gerais. Isso coloca a usina de João Bauer entre as mais antigas do país e como a primeira de Santa Catarina, evidenciando o caráter pioneiro da iniciativa.

Quando Guabiruba se emancipou, em 1962, herdou não apenas o território onde a usina estava instalada, mas também todo esse legado de inovação, ousadia e aproveitamento inteligente dos recursos naturais. Hoje, ao percorrer a Trilha João Bauer, o visitante caminha literalmente sobre um capítulo decisivo da história catarinense. As mesmas águas que hoje formam poços, refrescam trilheiros e atraem visitantes foram responsáveis por gerar a energia que iluminou casas e moveu máquinas há mais de um século.

Mas o Parque Érico Vicentini não guarda apenas a memória da eletricidade. Ele também se tornou um espaço dedicado à preservação das tradições culturais de origem alemã. Em 2024, foi oficialmente instalada no parque a Pelznickel Platz, um espaço permanente dedicado à valorização dos Pelznickel, tradição profundamente enraizada em Guabiruba.

O Pelznickel é uma figura tradicional ligada ao período do Advento, as quatro semanas que antecedem o Natal. Vestido com roupas rústicas, máscaras, guizos e correntes, o Pelznickel percorre casas e espaços públicos dialogando com crianças e adultos. Ele questiona comportamentos, aconselha, diverte e educa, sempre por meio da interação direta.



O Pelznickel e sua forma peculiar de receber os visitantes.

Essa tradição está relacionada a São Nicolau, personagem histórico associado à proteção das crianças e à prática da generosidade. Ao longo do tempo, São Nicolau deu origem a diferentes figuras natalinas na Europa. O Pelznickel representa uma dessas manifestações, marcada pelo teatro popular, pela oralidade e pela vivência comunitária.

Em Guabiruba, os Pelznickel ganharam força e identidade próprias. Durante o mês de dezembro, grupos percorrem bairros, escolas, empresas e praças, mantendo viva uma tradição que atravessou o oceano com os imigrantes e se adaptou à realidade local. A Pelznickel Platz consolida esse patrimônio cultural, funcionando como espaço de encontro, memória e transmissão para as novas gerações.

Visitar o Parque Érico Vicentin é vivenciar múltiplas camadas de história. Perceber como a força da água impulsionou a indústria, como a imigração moldou a cultura e como as tradições seguem vivas. Esta trilha tem história. Uma história feita de água, trabalho, fé, cultura e memória. Um lugar onde o passado não ficou para trás, mas continua presente a cada passo, a cada Natal e a cada pessoa que escolhe conhecer e valorizar a cultura.



Os Pelznickels com suas fantasias de bromélias.



O Christkindl, personagem da tradição germânica que entrega doces às crianças, também faz parte do Natal de Guabiruba.





Descida do Morro São José

Morro São José

Acesso e Ponto de Partida

Final da Rua Padroeiro São José, acessada pela Rua Prefeito Carlos Boss, bairro Aymoré. Não há estacionamento estruturado, mas é possível estacionar próximo ao início da trilha. Evite obstruir a via e as propriedades.

Características do Percurso

Trilha ampla e bem demarcada, com subida constante e inclinação gradual até o topo. A aclividade é o principal desafio.

Atenção na localização

Após cerca de 300 metros há um conjunto de mourões no trajeto. A trilha segue à esquerda. Próximo ao topo, com 1 km de caminhada, há uma bifurcação. Siga à direita.

Atenção à segurança

Devido a inclinação do terreno, o risco de queda por escorregões é grande principalmente na descida.

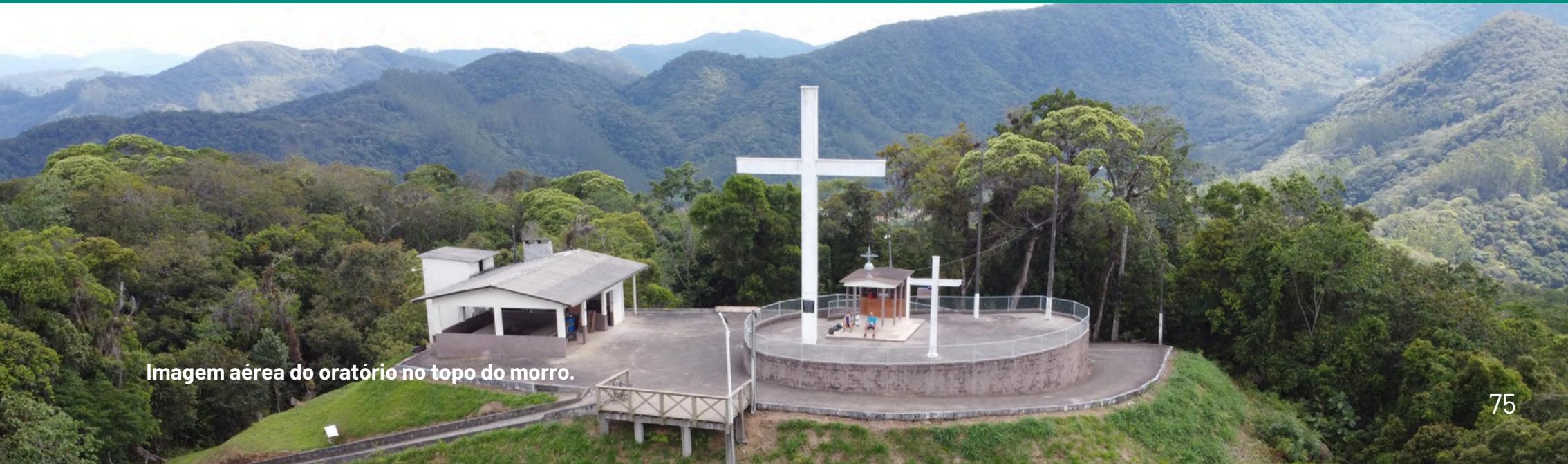


Imagen aérea do oratório no topo do morro.

Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

1

Severidade Baixa



Orientação de navegação do percurso

1

Caminhos e cruzamentos bem definidos ou sinalizados



Condições do terreno

3

Percursos em trilhas escalonadas ou terrenos irregulares



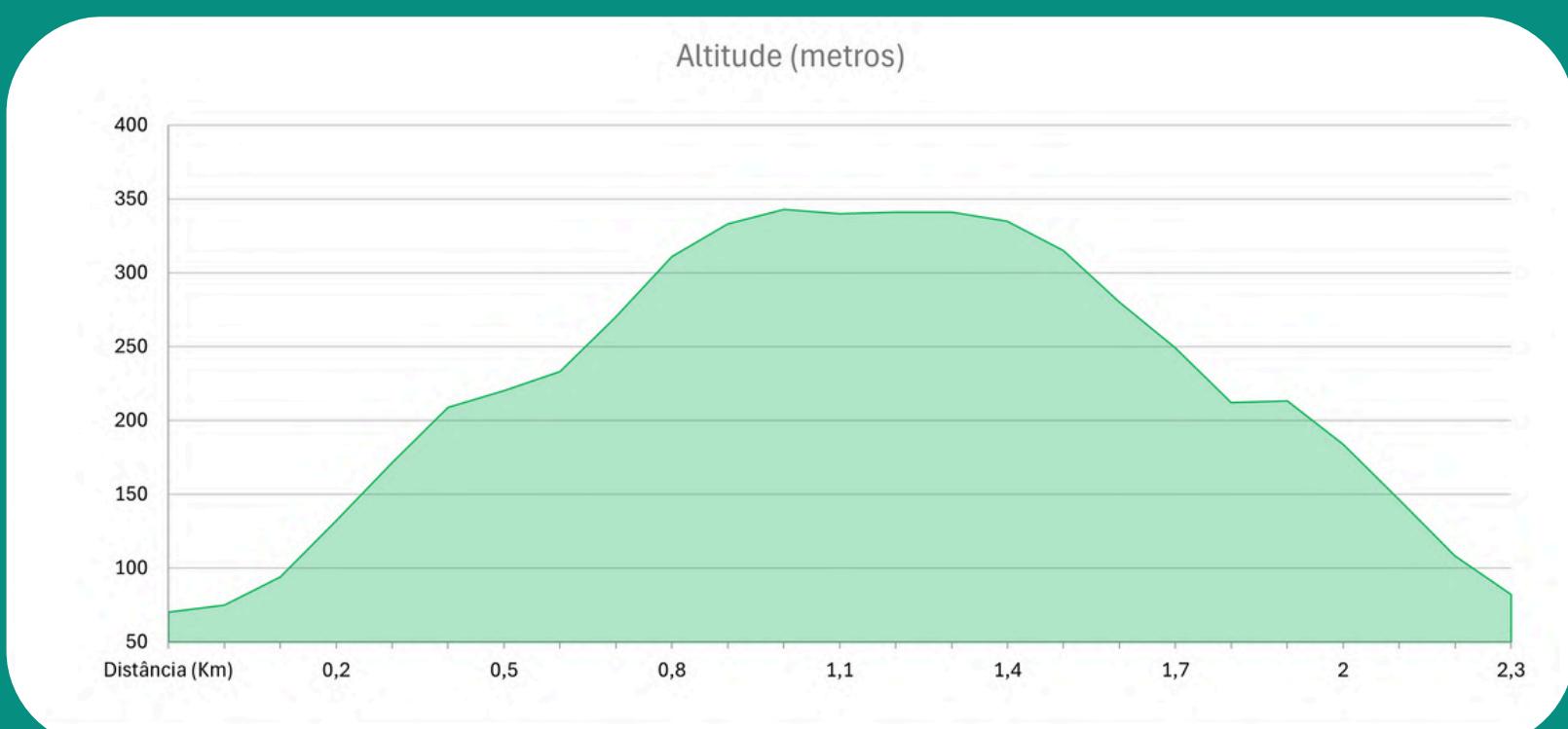
Esforço físico

2

Esforço Moderado

Distância total	2,5 km
Tempo médio total do percurso	2:30 horas

Desníveis	Subidas	266 m
	Descidas	266 m



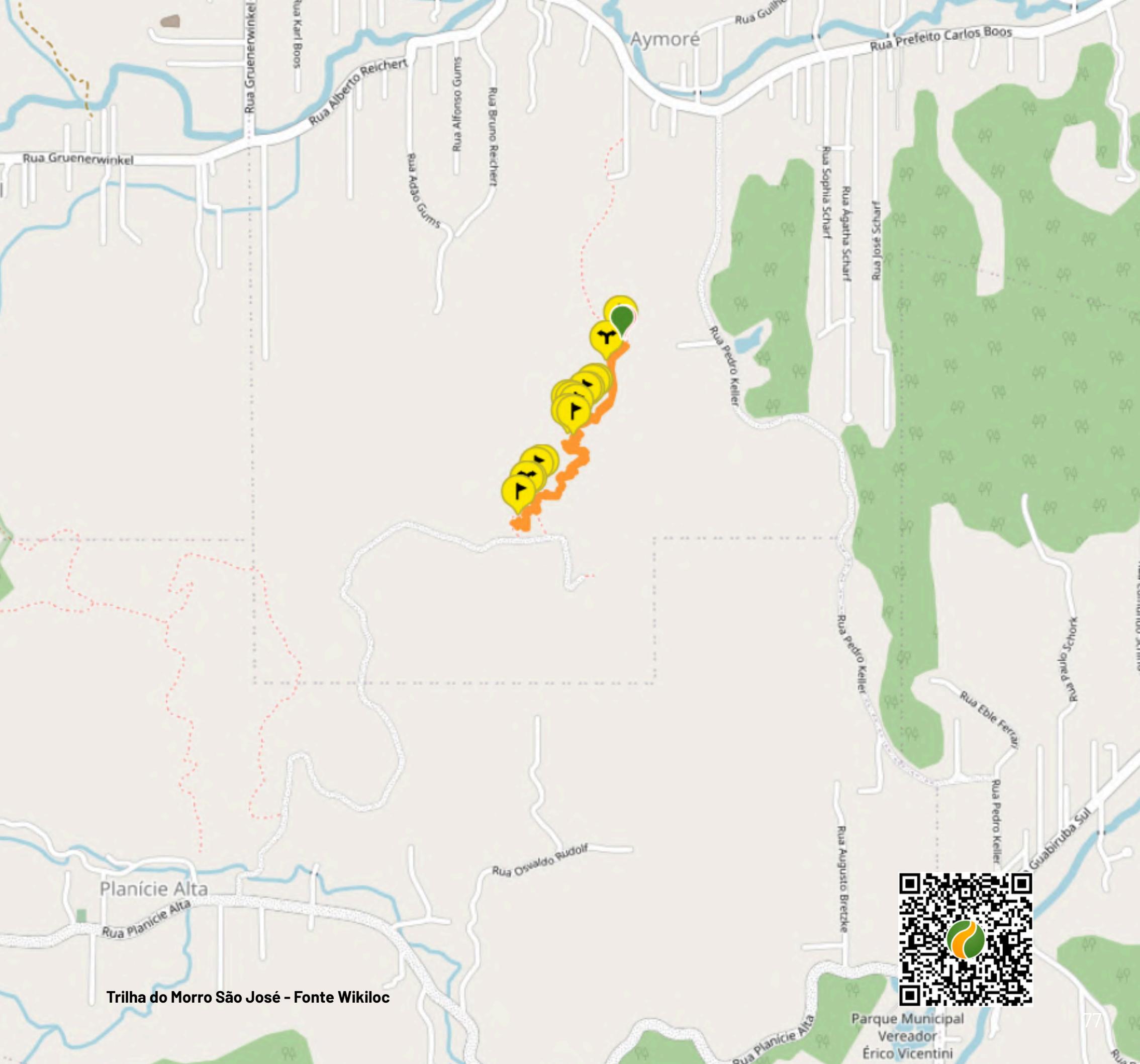




Imagen de São José e a natureza do local.

O Morro São José é um lugar onde cada passo dado é também um gesto de fé, onde a subida do morro se confunde com a própria história da comunidade. Além de um belo mirante, ele se tornou um símbolo construído a partir do medo, da esperança e da união de um povo que buscava proteção diante das adversidades.

Para entender a importância do Morro São José, é preciso voltar ao início da década de 1960, quando Guabiruba recém havia conquistado sua emancipação política. Era um tempo de expectativa, mas também de grandes dificuldades. Os colonos e seus descendentes enfrentavam sucessivos prejuízos nas lavouras causados por fortes temporais acompanhados de granizo, que destruíam plantações inteiras em poucos minutos.

Segundo relatos preservados na memória local e reforçados em conversa com o Padre Eder Celva, o sofrimento não se limitava às lavouras. Havia também doenças atingindo os animais, base fundamental da subsistência das famílias. Bovinos adoeciam e morriam, e embora não se saiba ao certo quais enfermidades circulavam à época, tudo indica que poderiam ser doenças como raiva ou febre aftosa, comuns em contextos rurais com pouco controle sanitário. A soma dessas perdas colocava em risco a sobrevivência de muitas famílias.

Foi nesse cenário de aflição que surgiu a proposta do padre Mathias Engel, então vigário da paróquia. A ideia era simples e profunda ao mesmo tempo: erger uma cruz no ponto mais alto do município, consagrando Guabiruba a Jesus Cristo e a São José, padroeiro dos trabalhadores. Se o sofrimento vinha do céu, era ao céu que a comunidade direcionaria suas preces.

A proposta encontrou eco imediato. Em 1962, ainda no ano da emancipação, iniciou-se um grande mutirão comunitário. A primeira cruz, ao que tudo indica, foi construída em madeira, utilizando os recursos disponíveis naquele momento. O esforço foi coletivo. Não havia estrada, apenas uma picada estreita em meio à mata. Todo o material precisou ser carregado morro acima, nas costas, em um verdadeiro sacrifício físico transformado em oferenda.



As capelinhas convivem com a mata que lentamente as envolve.

No dia 6 de janeiro de 1963, Dia de Reis, a cruz foi levada em procissão até o topo do morro. Homens, mulheres e crianças subiram juntos, rezando, cantando e compartilhando a esperança de dias melhores. Ao chegar ao ponto escolhido, a cruz foi benzida. Naquele momento, Guabiruba foi consagrada a Jesus Cristo e a São José, selando um pacto simbólico entre fé e trabalho.

A experiência fortaleceu ainda mais a comunidade. Ainda em 1963, surgiu a decisão de construir um oratório no local. A obra levou cerca de um ano e foi concluída em 7 de setembro de 1964, data em que a capelinha foi benzida e o local passou a ser oficialmente chamado de Morro São José.

Com o passar das décadas, o morro se consolidou como espaço de devoção e peregrinação. Em 2012, quase cinquenta anos após a construção original, o local recebeu melhorias, incluindo uma nova cruz, maior e mais visível, e estruturas de apoio. Em 2014, quando a capelinha completou meio século, o espaço passou por nova revitalização.

A principal marca do Morro São José hoje é a chamada Trilha das 40 Curvas, também conhecida como Caminhada Ecológica e Religiosa. A trilha reúne 48 capelinhas (na nossa contagem), cada uma dedicada a um santo, acompanhada de sua oração. A caminhada se transforma em um percurso de reflexão, onde cada curva convida à pausa e ao recolhimento.

As capelinhas foram construídas ao longo do tempo pela comunidade católica local, especialmente pelo Conselho Pastoral Comunitário da Capela São Cristóvão, no bairro Aymoré. O caminho se tornou uma espécie de via de fé, mas também um espaço acessível a quem busca apenas caminhar em meio à natureza e à história.





Imagens quebradas após o vandalismo na Trilha das Capelinhas.

O acesso principal à trilha se dá pelo bairro Aymoré, na Rua Carlos Boos, a poucos quilômetros do centro. No topo, o visitante encontra o oratório, a cruz e um mirante natural que oferece uma ampla vista da cidade.

Nem tudo, porém, foi marcado apenas por celebrações. Em 2021, a trilha sofreu um forte episódio de vandalismo, quando dezenas de capelinhas foram destruídas. O impacto foi grande, mas a resposta da comunidade foi ainda maior. Com trabalho voluntário e doações, o caminho foi reconstruído, reafirmando o vínculo afetivo e espiritual com o lugar. Contamos no total 48 capelinhas destacando, para nós, a de Santa Catarina, São Francisco de Assis e Santa Madre Paulina.

O Morro São José segue sendo um símbolo de resistência. Ele representa a fé que surgiu do medo, a união diante da perda e a capacidade de transformar sofrimento em identidade coletiva.

Subir o Morro São José é mais do que alcançar um ponto alto. É refazer o caminho de quem carregou cruzes, sacos de cimento e esperanças. É lembrar das famílias que perderam lavouras, animais e quase tudo o que tinham, mas não perderam a fé.

Esta trilha tem história. Uma história feita de granizo, doença, oração, trabalho coletivo e reconstrução. Uma história que continua viva a cada pessoa que sobe o morro, não apenas para olhar a paisagem, mas para entender como Guabiruba aprendeu a resistir olhando para o alto.





Cercada de natureza, a cachoeira da Lorena

Cachoeira da Lorena

Acesso e Ponto de Partida

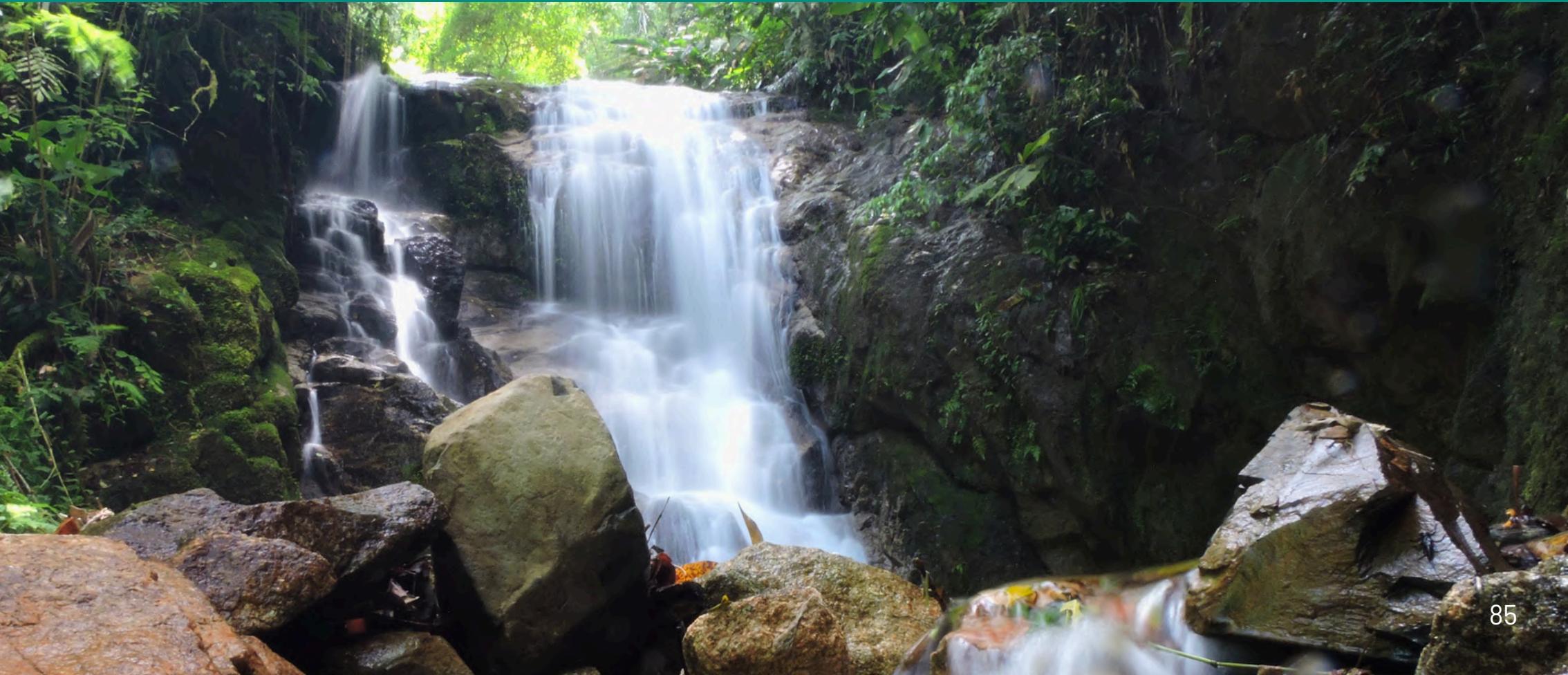
Final da Rua da Lorena, bairro São Pedro, porção norte de Guabiruba. Não há estacionamento estruturado, mas há vagas próximas ao início da trilha. Evite bloquear a via ou o acesso às propriedades..

Características do Percurso

Um passeio. Caminhada muito curta, ampla e sem inclinação.

Atenção à segurança

Chuvas podem elevar o volume d'água rapidamente. Evite subir nas rochas próximas à cachoeira, que podem estar escorregadias.



Classificação do Percurso



Severidade do ambiente

1

Severidade Baixa



Orientação de navegação do percurso

1

Caminhos e cruzamentos bem definidos ou sinalizados



Condições do terreno

1

Percurso em superfícies planas



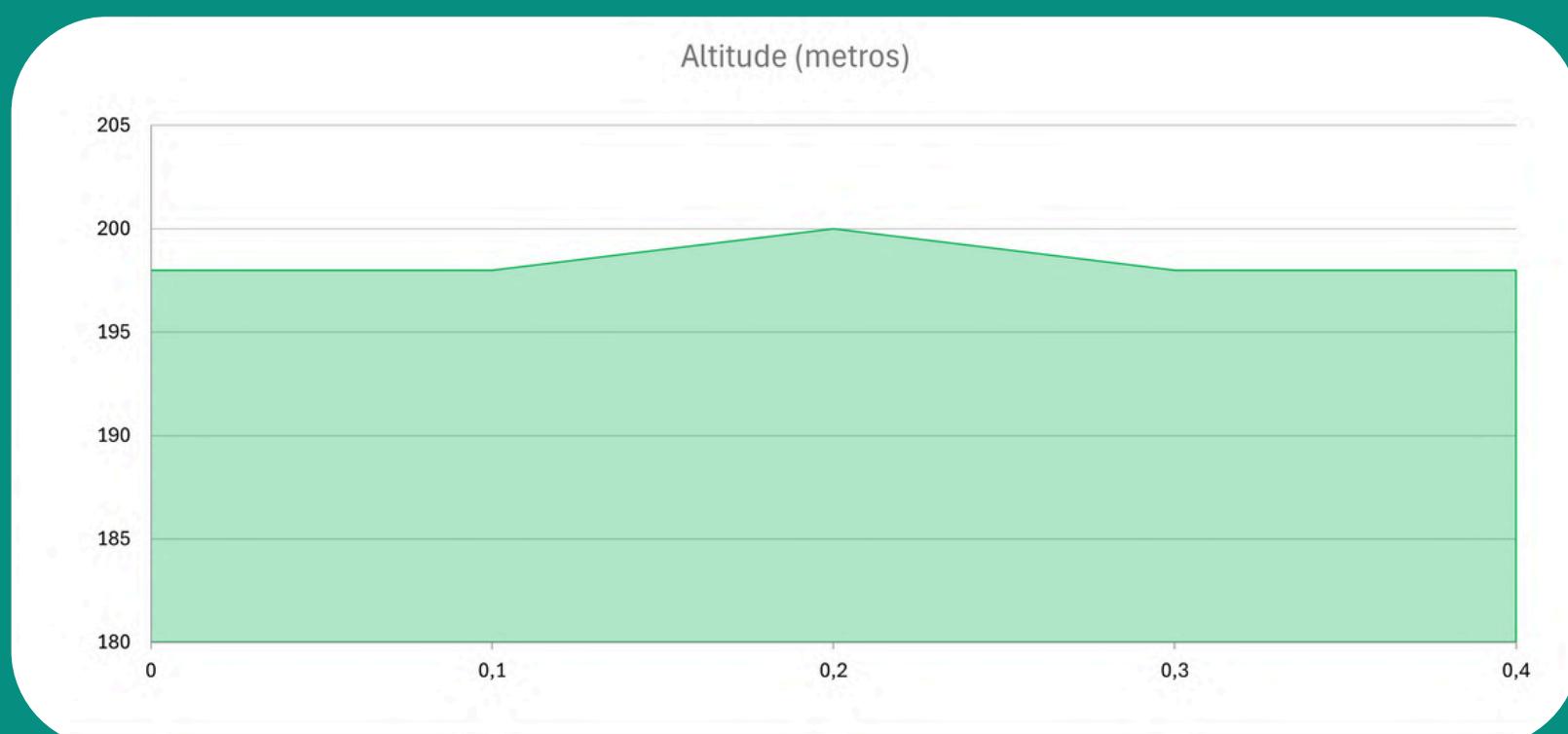
Esforço físico

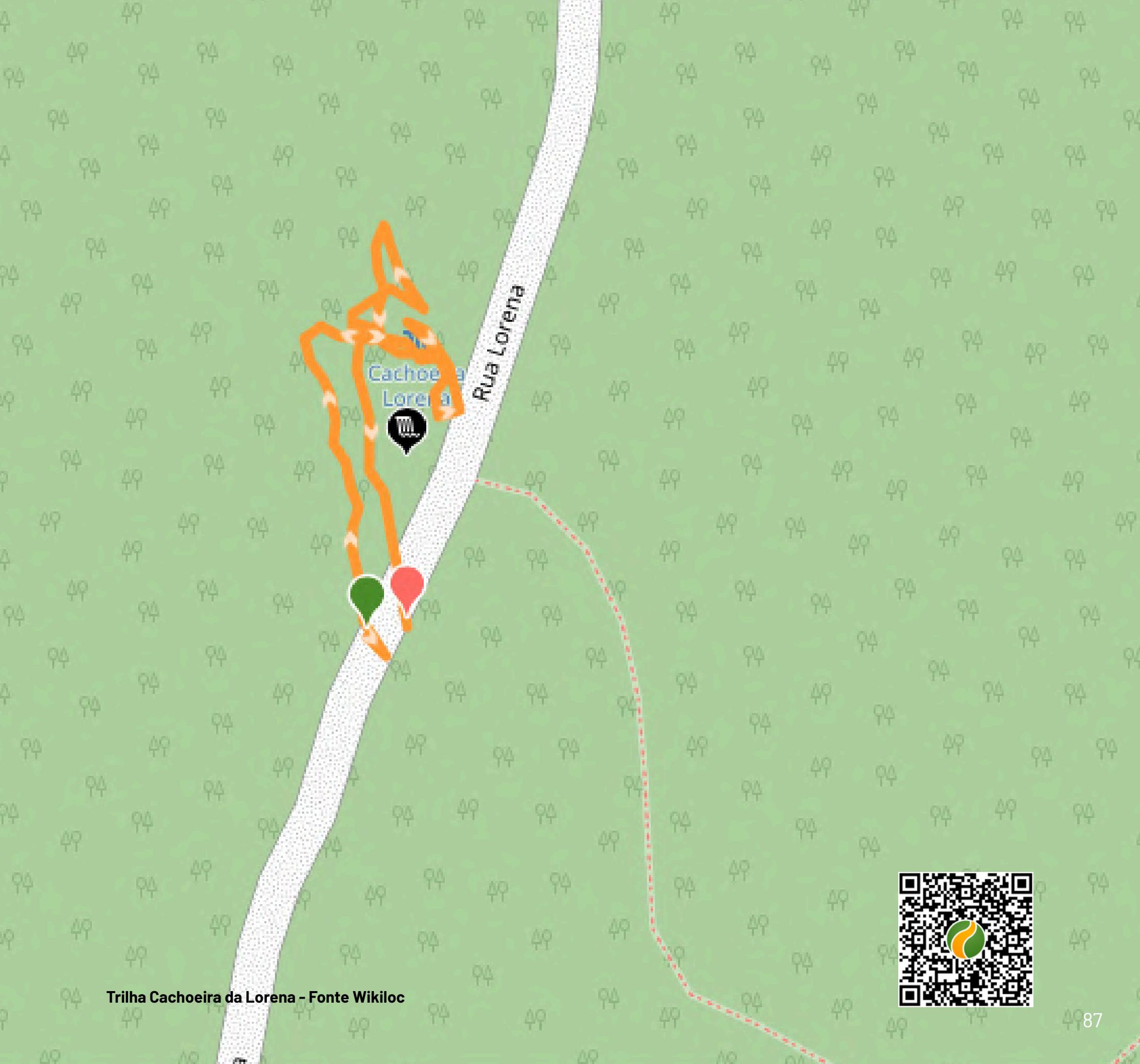
1

Pouco Esforço

Distância total	0,2 km
Tempo médio total do percurso	20 min

Desníveis	Subidas	7 m
	Descidas	7 m





Trilha Cachoeira da Lorena - Fonte Wikiloc





Água calma e poço raso, perfeito para brincar.

Às vezes as melhores histórias se revelam de forma simples, quase sem aviso. Assim é a Cachoeira da Lorena, um dos pontos naturais mais acessíveis de Guabiruba, localizada na rua que leva o mesmo nome, no bairro São Pedro. A queda d'água está ali, visível muito próxima a estrada, integrada ao cotidiano de quem passa, mas carrega uma história que vai muito além da paisagem.

Com cerca de 12 metros de altura, a cachoeira se forma entre as pedras e oferece mais do que um banho refrescante. Ela integra um território onde os nomes guardam memória, deslocamentos humanos e registros históricos que ajudam a compreender a formação dessa região do Vale do Itajaí.

A facilidade de acesso chama atenção. A apenas seis quilômetros do centro da cidade, uma curta caminhada leva diretamente ao pé da queda. Isso faz da Cachoeira da Lorena um local frequentado por famílias, crianças e idosos, permitindo um contato direto com a natureza sem a necessidade de longos deslocamentos.

Mas a simplicidade do acesso contrasta com a complexidade histórica do lugar. Para compreender a Cachoeira da Lorena, é necessário entender a origem do nome Lorena. Diferente de outros topônimos ligados diretamente a regiões alemãs, esse nome remete à Lorena europeia, área historicamente disputada entre França e Alemanha ao longo dos séculos XIX e XX.

A Lorena e a Alsácia formam uma faixa territorial de fronteira marcada por conflitos, mudanças de domínio e intensos deslocamentos populacionais. Essa região fica muito próxima de áreas de origem de muitos dos imigrantes que vieram para Guabiruba. A cidade de Karlsruhe, na região de Baden, por exemplo, está a cerca de 120 quilômetros da Lorena. Baden-Baden fica a aproximadamente 110 quilômetros. Já a Alsácia, com cidades como Estrasburgo, é vizinha direta da Lorena, separada por poucos quilômetros e, em alguns pontos, apenas por limites históricos e culturais.



Essas distâncias relativamente curtas ajudam a entender por que nomes, referências e identidades se misturaram no processo migratório. Para muitas famílias, sair da Lorena, da Alsácia ou de Baden significava deslocar-se dentro de um mesmo contexto regional europeu, mesmo que atravessando fronteiras políticas instáveis. Ao chegarem ao Brasil, essas identidades seguiram coexistindo.

A presença do nome Lorena em Guabiruba não é apenas simbólica. Um registro histórico encontrado no Jornal República, datado de 1890, menciona explicitamente a Linha Lorena, então vinculada a Brusque. No texto aparece Guilherme Butlebrunn, interessado na compra do lote 16 pertencente ao Estado. Esse documento confirma que o nome Lorena já era utilizado oficialmente no final do século XIX, consolidando sua importância territorial.

Naquele período, o bairro São Pedro ainda se estruturava como área rural, ocupada por famílias imigrantes que mantinham laços culturais fortes com suas regiões de origem. A imigração alemã, sobretudo de Baden, marcou profundamente a paisagem humana do local, mas a presença do nome Lorena mostra que essa ocupação incorporou referências próximas, vindas de regiões vizinhas da Europa central.

Após a emancipação de Guabiruba, em 1962, essas identidades locais continuaram se manifestando. Houve movimentos comunitários que demonstravam o forte sentimento de pertencimento e a busca por reconhecimento histórico. Anos depois, surgiu inclusive a proposta de renomear o bairro como Karlsdorf, em referência à cidade alemã Karlsdorf-Neuthard, hoje cidade coirmã de Guabiruba.

É nesse território de identidades sobrepostas que se insere a Cachoeira da Lorena. O nome da rua e da cachoeira não é um detalhe isolado, mas um vestígio concreto das conexões entre regiões europeias próximas entre si e o processo de ocupação do interior catarinense.

Hoje, a Rua Lorena é um dos acessos mais conhecidos para quem busca natureza no São Pedro. Famílias fazem piqueniques nas pedras, crianças brincam nas áreas mais rasas do riacho e visitantes observam a queda d'água sem imaginar que aquele nome carrega referências a uma região europeia marcada por fronteiras móveis e histórias compartilhadas.



A cachoeira também funciona como ponto de parada para ciclistas e caminhantes que percorrem o interior do bairro. Nos dias quentes, a água se torna convite ao descanso e à contemplação.

O São Pedro preserva ainda referências importantes da imigração, como casas em estilo enxaimel e espaços que marcaram a vida comunitária, a exemplo do antigo Salão São Pedro, demolido em 2022, mas central para a memória cultural do bairro.

Visitar a Cachoeira da Lorena é, portanto, mais do que um passeio rápido. É caminhar por um espaço onde geografia europeia, imigração e história local se cruzam. Um lugar simples, mas carregado de significado. A preservação da cachoeira e do seu entorno é responsabilidade de todos. Mesmo sendo um local de fácil acesso, trata-se de um ambiente natural que exige cuidado. Respeitar a vegetação, não deixar lixo e manter atenção nas pedras escorregadias garante que esse patrimônio continue existindo.

A Cachoeira da Lorena nos lembra que Guabiruba não é feita apenas de indústria e desenvolvimento econômico, mas também de memória e paisagem. Esta cachoeira tem história, sim. Uma história que nasce em regiões europeias separadas por poucos quilômetros, atravessa o oceano com os imigrantes, aparece em registros de 1890 e segue viva a cada pessoa que para diante da queda d'água e percebe que ali a natureza e a história caminham juntas.



Entre pedras antigas, a natureza insiste em florescer.

Ao final da trilha

Chegar ao fim deste livro é lembrar que nenhum percurso se faz sozinho. Ao longo deste projeto, fomos acolhidos por um território e por pessoas que compartilharam histórias, memórias, documentos, relatos e caminhos. Guabiruba nos recebeu com generosidade e nos permitiu enxergar que a trilha não é apenas um trajeto, mas um modo de conhecer e de pertencer.

Para nós, Andre e Claudia, este livro nasceu de uma simples vontade de caminhar junto com nossos filhos, observar o ambiente ao redor e aprender com o território. Com o tempo, a caminhada tornou-se pesquisa, cultura e trabalho. A trilha virou ponte entre passado e presente, e a natureza passou a dialogar com a história de um jeito que só quem caminha consegue perceber.

Agradecemos às pessoas que nos abriram as portas, as memórias e os arquivos. Às instituições que nos atenderam com paciência e cuidado. Aos entrevistados que confiaram em nós, especialmente ao Padre Eder e ao Senhor Domingo Pontaldi, cujas contribuições deram profundidade ao que antes eram apenas fragmentos dispersos. Agradecemos também às famílias que habitam e preservam estas serras, rios e matas, pois sem elas não haveria história para contar.

Agradecemos ainda a Guabiruba, por nos deixar entrar. Foi uma alegria conhecer suas trilhas, seus morros, seus rios, seus nomes e suas tradições. Este livro é, em parte, um registro, mas também um agradecimento silencioso ao território que nos ensinou tanto.

Por fim, deixamos um desejo. Que este livro incentive o caminhar com calma, o olhar atento e o respeito pelo lugar. Que cada leitor encontre sua própria forma de se aproximar da natureza e da história. O resto, como sempre, a trilha se encarrega de ensinar.

Referências consultadas

ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. Guabiruba de todos os tempos. S&T Editores, 2010. 504 p.

BAUER, Quido Jacob. Johann Balthasar Bauer III, ou apenas João: uma luz do passado. Blumenau: Odorizzi, 2004. 328 p.

BRASIL. Ministério do Império. Relatório da Repartição dos Negócios do Império. Rio de Janeiro, 1859.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720968&pesq=guabiruba&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5243>. Acesso em: 25 jan. 2026.

CELVA, Éder Claudio. Cultura e religiosidade de um povo. Blumenau: Nova Letra, 2016. 464 p.

CELVA, Éder Claudio. Imigração italiana em Guabiruba (Lageado Alto). Blumenau: Odorizzi, 2008. 216 p.

CELVA, Éder Claudio. Imigração tirolesa em Guabiruba - Lageado Alto: 150 anos - memória fotográfica. Guabiruba: Edição do autor, 2025. 296 p.

O MUNICÍPIO. Encantos – Guabiruba 56 anos. Brusque, 2018. Disponível em:

<https://omunicipio.com.br/noticias/encantos-guabiruba-56-anos/>. Acesso em: 25 jan. 2026.

GLATZ, Rosemari; DIRSCHNABEL, Roque Luiz (org.). Guabiruba 60 anos de emancipação: nossa história, cultura e tradição. Brusque: Ed. UNIFEPE, 2023. 400 p.

NETO, Luiz Fornazzari; FERREIRA, Francisco José Fonseca. Gamaespectrometria integrada a dados exploratórios multifonte em ambiente SIG aplicada à prospecção de ouro na folha Botuverá, SC. Revista Brasileira de Geociências, v. 33, supl. 2, p. 197-208, 2003.



Rio da Figueira





ISBN: 978-65-01-92507-3



9 786501 925073

Apoio



Realização

**Círculo
Catarinense
de Cultura**



**GOVERNO DE
SANTA
CATARINA**

SNC
SISTEMA NACIONAL DE CULTURA
**ALDIR
BLANC**
POLÍTICA NACIONAL
DE FOMENTO À CULTURA

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

**GOVERNO DO
BRASIL**
DO LADO DO Povo BRASILEIRO